

**O Lusitano Teodorico e o Alemão Topsisius no Oriente  
ou em torno da camaradagem luso-alemã n’*A Relíquia*  
de Eça de Queirós**

José das Candeias Sales

— Então, ambos com o mesmo roteiro, podíamos  
acamaradar, Dr. Topsisius! [...].

— Pois acamarademos, D. Raposo ! Será uma delei-  
tosa economia !

Eça de Queiroz, *A Relíquia*.

**Introdução**

No domingo 6 de Setembro de 1875, «dia de Santa Libânia» (Queiroz 2004: 66),<sup>1</sup> a mando de sua tia, D. Maria do Patrocínio das Neves, beata fanática e intransigente, devota do culto de Nossa Senhora da Conceição, Teodorico Raposo, jovem burguês libertino e vicioso, parte de Lisboa rumo ao Oriente, «à terra do Egipto e à Palestina» (*ibidem*: 5). Esta jornada de romagem e de recompensa pelos estudos em Direito efectuados na Universidade de Coimbra foi, como ele próprio assume, «a glória superior» (*ibidem*: 5) da sua carreira.

Genuína e exclusivamente preocupado e interessado nas «mulherinhas» e na regalada vida que, como único parente herdeiro, a herança choruda da tia materna lhe proporcionará («quando todo o ouro da titi fosse meu e dourasse a minha pessoa», *ibidem*: 40; «quando morta a titi, eu herdasse a bolsa sonora de seda verde! ...», *ibidem*: 105; «dourado pelo ouro da titi», *ibidem*; «Eu [...] só começaria a viver □ quando ela começasse a morrer», *ibidem*: 116; «Nada se poderia interpor entre a minha justa sofreguidão e a bolsa verde da titi», *ibidem*: 241), Teodorico personifica uma ideia muito cara à novelística queirosiana e à sua visão crítica da sociedade portuguesa oitocentista: a cupidez do dinheiro.<sup>2</sup>

---

1. Esta edição servir-nos-á para a indicação de todas as citações.

2. Teodoro d’*O Mandarin* e Teodorico (Teodoro + rico) d’*A Relíquia* são duas faces de uma mesma moeda: aqueles que procuram alcançar através de uma morte os avultados benefícios materiais que tanto almejam (cf. Matos 1993c: 893). Vide também Moura (2004: 279- 280).

A obsessão pelos prazeres da carne e da relaxada boémia («beatitudes do Pecado», *ibidem*: 38) que desde cedo manifesta e a «rapacidade de herdeiro» (*ibidem*: 266) pela fortuna da tia desenvolvem em Raposão (apodo dos tempos de Coimbra, devido à sua «basta e negra» barba) uma fingida devoção e uma inigualável cobardia, «vergando o espinhaço diante da titi, macerando o peito diante de Jesus!» (*ibidem*: 36), tudo feito para, com os «modos pontuais, sisudos, servis e beatos» (*ibidem*), adular e ganhar a confiança da seca, lúgubre e severa senhora.

O beato hipócrita, devasso e ocioso deitou, porém, tudo a perder quando, no regresso dos lugares santos por onde peregrinou, trouxe para a sua velha e rica tia, como esta lhe havia solicitado, uma «santa [...], milagrosa [...] e tremenda relíquia» (*ibidem*: 66): uma accidental troca de embrulhos de papel pardo revela, contudo, não a pretendida coroa de espinhos do Cristo crucificado, mas a camisa de dormir da luxuriosa Miss Mary, uma luveira-meretriz de Alexandria, com um cartão onde se lia em letra encorpada: «Ao meu Teodorico, meu portuguesinho possante, em lembrança do muito que gozámos» (*ibidem*: 253).

Para uma austera e inflexível tia para quem os homens «acabavam quando se metiam com saias» (*ibidem*: 26-27) e para quem um comportamento exemplar passava por uma alma ardendo em labaredas de amor beato e um corpo, penitente, ferido pelos picos dos cilícios (cf. *ibidem*: 43), foi uma troca fatal que o deserdou e o levou a converter-se num «estabelecido vendilhão de relíquias» (*ibidem*: 257; cf. *ibidem*: 258-259).

A indelével lembrança da viagem pelo Oriente carregado de História e de histórias e as não menos fortes consequências dela derivadas compelem-no a compor, anos depois, nos vagares de um Verão, na sua Quinta do Mosteiro, já «pai, comendador, proprietário» (*ibidem*: 273), as suas memórias e a deixar para a posteridade um pretense «monumento airoso e maciço» (*ibidem*: 6) dos vários episódios então vividos. Diz ele (*ibidem*: 5):

são estes casos — espaçados e altos numa existência de bacharel como, em campo de erva ceifada, fortes e ramalhosos sobreiros cheios de Sol e murmúrio — que quero traçar, com sobriedade e com sinceridade, enquanto no meu telhado voam as andorinhas, e as moitas de cravos vermelhos perfumam o meu pomar.

Qual «Guia Pitoresco do Oriente» (*ibidem*: 6), expurgado das «suculentas, resplandecentes narrativas de ruínas e de costumes» (*ibidem*: 6), tais memórias não podiam, obviamente, excluir directas e circunstanciadas referências àquele que foi o seu grande companheiro e guia de viagem, o

«doutíssimo Topsisius» (*ibidem*: 7, 75), o alemão, «doutor pela Universidade de Bona e membro do Instituto Imperial de Escavações Históricas» (*ibidem*: 7).

Desde logo apresentado por Teodorico sob encómiadas formas, Topsisius é citado amiudadas vezes ao longo da obra como «douto Topsisius» (*ibidem*: 7, 8, 127, 130, 173, 191, 204, 230 e 274), dotado de «eloquência universitária» (*ibidem*: 7), de «pudicos escrúpulos de académico e estreitos desdêns de Filósofo» (*ibidem*: 8), além de «penetrantes óculos» (*ibidem*: 8).<sup>3</sup>

Sempre «presto às lides do saber» (*ibidem*: 117), o catedrático alemão esclarecia tudo, aclarava «irrefutavelmente e para sempre» (*ibidem*) todo e qualquer assunto histórico-arqueológico-científico por mais enigmático ou melindroso que se revelasse, penetrando nos «depósitos interiores do seu saber» (*ibidem*). Às incertezas e dúvidas de Teodorico respondia sempre Topsisius, de espírito ou «mão sapiente» (*ibidem*: 113), com uma observação ou resposta certa e segura.

No desenho da personagem do sábio alemão, Eça de Queirós não é muito criativo; é mesmo excessivamente repetitivo e maçudo, como se pode facilmente constatar pelos exemplos que se seguem respigados ao longo do seu livro: «doutíssimo Topsisius» (*ibidem*: 7, 69, 122), «doutíssimo homem» (*ibidem*: 210), «fecundo Topsisius» (*ibidem*: 92), «profundo Topsisius» (*ibidem*: 100), «erudito Topsisius» (*ibidem*: 102, 109, 119, 185 e 264), «erudito homem» (*ibidem*: 122 e 219), «erudito doutor» (*ibidem*: 125), «eruditíssimo homem» (*ibidem*: 69), «o esclarecido Topsisius» (*ibidem*: 7); «o esclarecido amigo» (*ibidem*: 109), «sábio» (*ibidem*: 103, 184 e 218), «sapiente amigo» (*ibidem*: 187), «sapiente Topsisius» (*ibidem*: 131 e 167), «sapiéntíssimo Topsisius» (*ibidem*: 102), «sólido, sapientíssimo Topsisius» (*ibidem*: 117), «penetrante Topsisius» (*ibidem*: 224), «facundo

3. Os óculos do historiador alemão «colam-se» à sua descrição e voltam a ser mencionados várias vezes: «Topsisius dardejou-me logo, por cima dos óculos de ouro, um olhar desconfiado e ciumento» (*ibidem*: 69); «Avistei logo o luminoso historiógrafo acocorado junto a uma poça de água, com os óculos sôfregos, esgarafunhando um pedaço de pilastra negra, meio enterrada no lodo» (*ibidem*: 117); «o erudito homem alçou os seus óculos de ouro, que resplandeciam com uma desusada, irresistível intelectualidade» (*ibidem*: 122); «Os homens em redor, arredando-se, demoravam em nós os seus olhos lânguidos e altivos; por vezes murmuravam uma injúria surda; ou por causa dos óculos do douto Topsisius, um riso de escárnio mostrava dentes agudos de fera, entre rudes barbas negras» (*ibidem*: 130); «Os doutos óculos de Topsisius rebrilhavam de espanto» (*ibidem*: 141); «E como os óculos de Topsisius interrogavam o venerando Osanias ...» (*ibidem*: 142); «Topsisius, mordendo um sorriso, ergueu para Gamaliel os seus óculos de ouro, que faiscavam de sábia ironia» (*ibidem*: 201); «Topsisius estacou, os seus óculos faiscaram» (*ibidem*: 210); «Topsisius, no seu catre, em camisola e com um lenço amarrado na testa, bocejava, pondo os óculos de ouro no bico» (*ibidem*: 211); «Baixou o bico de cegonha ornado de óculos» (*ibidem*: 231).

Topsius» (*ibidem*: 129), «sábio Topsius» (*ibidem*: 146, 192 e 217), «filósofo Topsius» (*ibidem*: 179), «Topsius, doutor» (*ibidem*: 187), «sisudo, ponderado doutor» (*ibidem*: 122), «fiel e douto Topsius» (*ibidem*: 231), «douto amigo» (*ibidem*: 165 e 207), «douto historiador» (*ibidem*: 149, 185, 192, 194, 210 e 215), «historiador» (*ibidem*: 200, 201 e 224), «fino historiador» (*ibidem*: 165), «alto historiador» (*ibidem*: 174 e 189), «esclarecido historiador» (*ibidem*: 205), «luminoso historiógrafo» (*ibidem*: 117).

Variações monótonas, mas intencionais, sobre um mesmo tema, as formas-tipo usadas por Eça são maioritariamente favoráveis ao alemão.<sup>4</sup> Cremos que as repetidas modulações classificativas visam acentuar bem no leitor a(s) grande(s) característica(s) do sábio alemão.

O «ilustre fidalgo lusitano» (*ibidem*: 7) instituiu *ab initio* o «alemão Topsius» (*ibidem*) no seu principal interlocutor intelectual, funcionando como contraponto perfeito e absoluto das suas características, atributos e experiências. À «admiração e saudade» (*ibidem*) de um (Topsius) correspondem «as recordações suaves e elevadas» (*ibidem*) do outro (Teodorico); um, Topsius, é um sábio académico, outro, Teodorico, «um erudito plebeu» (*ibidem*).

Se Teodorico integra na sua narrativa abundantes e circunstanciadas referências ao doutor alemão, este não deixa também de aludir ao «ilustre fidalgo lusitano» no seu itinerário de viagem, publicado em «sete volumes in-quarto, atochados, impressos em Leipzig, com este título fino e profundo — ‘Jerusalém Passeada e Comentada’» (*ibidem*), tratado vivamente recomendado por Teodorico Raposo como «obra copiosa e luminosa» (*ibidem*).

A dicotomia comportamental e intelectual é, desde logo, desenhada por Eça de Queirós quando faz de Teodorico Raposo alguém que é criticado por Topsius e, de certa forma, ridicularizado pelos seus «dizeres e juízos ensopados de beata babosa credulidade» (*ibidem*) e pela sua machista sensualidade de conquistador narcisista. O doutíssimo Topsius, no âmbito deste retrato, não deixa na sua obra, naturalmente, de aludir aos «dois embrulhos de papel» (*ibidem*) que, em sua opinião, Teodorico nunca abandonou nas «velas de Alexandria» e nas «quebradas do Carmelo» (*ibidem*).

Nessa obra, o académico alemão deixa, na opinião de Teodorico, passar a ideia de que o português transportara os restos dos seus antepassados.

4. Escapa a este esquema altamente padronizado construído em torno de «sábio», «erudito», «doutor», «filósofo» ou «historiador» a designação de Topsius como «coluna de ciência» (*ibidem*: 241). Ver também Matos (1993e: 902-903).

Naquela forma rotunda que caracteriza a sua eloquência universitária, o Dr. Topsisius diz: «O ilustre fidalgo lusitano transportava ali restos dos seus antepassados, recolhidos por ele, antes de deixar o solo sacro da pátria, no seu velho solar torreado ...» (*ibidem*).

Descontente com esta referência («[...] a afirmação de Topsisius descredita-me perante a Burguesia Liberal» - *ibidem*: 8), Teodorico decide «responder-lhe», com «enérgica contestação» (*ibidem*: 7), com as suas memórias, assumindo as suas ambições e «limpando» o seu nome e o dos seus filhos. A narrativa destina-se, pois, na concepção de Teodorico/Eça de Queirós, como se lê logo no primeiro parágrafo da epígrafe, a dar «uma lição lúcida e forte» (*ibidem*: 5) às supostamente pretensas falsidades publicadas pelo alemão.

#### Alguns dados enquadradores sobre *A Relíquia*

*A Relíquia* foi publicada em folhetins, entre 24 de Abril e 10 de Junho de 1887, na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, depois de uma gestação que remonta, no mínimo, a 1880.<sup>5</sup> A primeira versão do trabalho, que seria editada em volume no mesmo ano de 1887, estaria quase pronta cerca de 5 anos antes, em finais de 1882, e foi escrita por Eça de Queirós durante a sua estadia em Bristol, quando aí cumpria as funções de cônsul. A segunda versão teria sido terminada em Setembro de 1884, já em Portugal. Em Junho de 1885, Eça ter-se-á documentado em Londres para a terceira versão (cf. Matos 1993b: 829).

Como é reconhecido pelos estudiosos de Eça, estamos perante uma obra escrita em plena maturidade do escritor, tendo vindo à luz do dia quando *Os Maias* se encontravam já praticamente concluídos (*ibidem*: 829). No entanto, *A Relíquia* não gera sentimentos de grande apreço em todos os críticos e ao que parece o próprio Eça de Queirós embora, obviamente, não a enjeitasse não admirava pessoalmente o seu «livreco», como escreveu em carta enviada a 2 de Julho de 1887 ao seu amigo Luís de Magalhães (*apud ibidem*: 829):

Eu por mim, salvo o respeito que lhe é devido, não admiro pessoalmente *A Relíquia*. A estrutura e composição do livreco são muito defeituosas. Aquele mundo antigo está ali como um trambolho, e só é

5. A publicação dos seus contos e novelas na Imprensa em Portugal e no Brasil foi uma prática literária e artística a que Eça de Queirós deu particular atenção e que deriva da própria função socio-cultural então desempenhada pela Imprensa (cf. Reis 1983: 7).

antigo por fora, nas exterioridades, nas vestes e nos edifícios. [...]. O único valor do livresco está no realismo fantasista da Farsa.<sup>6</sup>

Ao longo dos anos, desde o final do séc. XIX, os críticos literários têm igualmente deixado opiniões pouco elogiosas a respeito d'*A Relíquia*, uns pelo escasso e patético desenho das personagens ou pela própria inconsistência e repetição esquemática dos tipos psicológicos das personagens (imorais, medíocres, incompletos, vazios), outros pela inverosimilhança do sonho místico do «Raposão», por mais bonito, gracioso ou lírico que se apresente, ou por ser um livro maçador, incongruente, extravagante e inconcebível. Há mesmo quem não hesite e classifique a obra pura e simplesmente como «uma experiência malograda» (João Gaspar Simões).<sup>7</sup>

Na crítica global de Ernesto Guerra da Cal a *A Relíquia* cremos vislumbrar elementos que podem, no singular, ser aplicados directamente às personagens de Teodorico e Topsius e aos pólos/tipos que representam: «O problema da incerteza de todo o conhecimento humano, ora seja ele fornecido pelos demorados caminhos da Razão analítica e científica, ora pelos directos e imediatos da crença e da Fé» (*apud ibidem*: 832).

É preciso salientar que o sábio Topsius é a única nova personagem do livro, de relevante papel secundário, embora estranhamente não seja considerada em algumas galerias dos tipos masculinos da obra queirosiana.<sup>8</sup>

É incontestável que se trata de um livro escrito na primeira pessoa (narrador autodiegético, onisciente e de «feição testemunhal»; cf. Reis 1984: 179-180, 194, 200, 203 e Reis 1996: 396), por um personagem medíocre e relativamente ignorante, cheio de esquemas e subterfúgios de conduta, onde predomina o estilo de pura farsa, de invenção irrealista (cf. Guerra

6. Esta carta de Eça de Queirós, onde assume e salienta os defeitos da sua prosa, num enorme exercício de auto-consciência literária, serviu para moderar o entusiasmo de Luís de Magalhães que publicara no jornal *A Província* uma rasgada crítica ao romance (cf. Reis, 1983: 13). A título de informação, refira-se que Eça concorrera com *A Relíquia* ao prémio D. Luís da Academia Real das Ciências, perdendo a favor de Henrique Lopes de Mendonça que apresentou a obra *O Duque de Viseu* (cf. Matos 1993b: 830 e Carvalho 1993: 24).

7. Vejam-se as apreciações sobre *A Relíquia* de Pinheiro Chagas, Camilo Castelo Branco, Oliveira Martins, João Gaspar Simões, Álvaro Lins, José Maria Bello, Valéry Larbaud, Machado Rosa, Guerra da Cal e Beatriz Berrin que A. Campos Matos menciona (cf. *ibidem*: 830-832).

8. A tipologia das personagens masculinas queirosianas apresentada no *Dicionário de Eça de Queirós*, por exemplo, atenta à caracterização profissional e atributos sócio-idiosincráticos das personagens masculinas de Eça, d'*A Relíquia* considera apenas Teodorico (classificado como «conquistador»), o Dr. Margaride («homem de leis») e o padre Negrão («padre»). Tendo o quadro tipológico aberto um campo específico para «literato – historiador», pensamos que o alemão Topsius tinha aí todo o cabimento (cf. Matos, 1993d: 900-901).

da Cal 1971; Lopes, 1994: 67-86; Nascimento 1997: 609-612; Remédios 1997: 402-408). A sátira social nesta narrativa marcadamente autobiográfica rejeita a beatice e a hipocrisia em geral (cf. Reis 1987).

Ao enquadrarmos *A Relíquia* de Eça de Queirós enquanto objecto de produção literária, precisamos de considerar a força de atracção desmedida, quase incontrollável, que o Oriente, em geral, e o Egipto, em particular, exerciam sobre o mundo letrado europeu de Oitocentos. Depois da campanha napoleónica ao Egipto (1798-1801), a «tentação do Oriente» atingiu-o de tal forma que o «turismo de eruditos» se converteu num banho cultural obrigatório para escritores, pintores, homens de letras e intelectuais europeus.<sup>9</sup> O orientalismo apresenta-se como um novo humanismo, um novo renascimento («renascimento oriental»). O primitivo berço das civilizações ressurgia repleto de cor, mistério e fascínio. O Oriente torna-se uma espécie de «pátria subjectiva» (cf. Lima 1993a: 431), «uma permanente referência mítica e real» (Lima s.d.), «um Oriente historicamente mítico e real» (*ibidem*).<sup>10</sup>

O Oriente e o orientalismo estavam furiosamente na moda e deixaram as suas marcas na oitocentista Europa ocidental, nas «viagens ao Oriente» e nas suas produções artísticas, nos mais variados campos de expressão (da música ao mobiliário, passando pela arquitectura, decoração, pintura, ilustração, literatura e narrativa histórica).

Eça de Queirós, na senda de muitos outros intelectuais europeus (ex.: Gustave Flaubert, Maxime Du Camp, Théophile Gautier, Chateaubriand, Vivian Denon, Jean-François Champollion, Gérard Nerval, Edmond About, etc.), fez também, de Outubro de 1869 a Janeiro de 1870, o «percurso oriental» e, como muitos outros, deixou dele abundantes reminiscências nas suas produções.<sup>11</sup>

Nesta nossa abordagem, não nos interessa tanto discorrer sobre as características estilístico-narrativas d'*A Relíquia*, nem tampouco focar pormenorizadamente a génese da criação da obra, ou seja, as impressões e sensações experienciadas pelo próprio Eça de Queirós na sua viagem pelo Egipto, pela Palestina, pela Síria e pelo Líbano de 1869-70.

---

9. No seu *Egipto. Notas de viagem*, Eça de Queirós descreve estes visitantes europeus de forma bastante acutilante: «[...] o nosso mundo europeu, civilizado, sábio, filosófico, egoísta e rico. São embaixadores, poetas, engenheiros, lorettes, caricaturistas, pintores, fotógrafos, burgueses, dandies, lords, jornalistas, críticos e agiotas» (Queirós s.d.: 121-122).

10. Ver também Bret (1998) e Lima (1992a).

11. O orientalismo literário teve em Byron, Moore, Goethe, Hugo, Lamartine, Vigny, Chateaubriand, Gautier, Nerval, Flaubert e no próprio Eça, entre tantos outros, cultores famosos (cf. Lima 1993: 429-431). Vide Flaubert (1991).

Também não é nosso propósito abordar o chamado «defeito artístico» resultante das marcadas diferenças entre o viajar de Eça e o viajar de Teodorico Raposo (cf. Moura 2004: 277). Em nossa opinião, o estudo comparativo em que a eventual sobreposição ou diferença de pormenores, sensações, memórias, descrições e itinerários possa ser analisada é matéria para outro tipo de abordagem.

A nossa atenção primordial centra-se na figura literária de Teodorico Raposo, o personagem central d'*A Relíquia*, neto do padre Rufino da Conceição e de Filomena Raposo, filho de Rufino da Assunção Raposo e de D. Rosa das Neves, sobrinho de D. Patrocínio das Neves, sua tia materna, «beata católica, implacável e doentia fanática, muito rica»,<sup>12</sup> e pretendemos com ele ou através dele empreender uma viagem pelos seus contactos e «amigos» durante a peregrinação à Terra Santa, particularmente com o seu interlocutor principal n'*A Relíquia*, o douto Topsisius, «doutor pela Universidade de Bona e membro do Instituto Imperial de Escavações Históricas» (Queiroz 2004: 7), neto de naturalista, sobrinho de egiptólogo e ele próprio estudioso interessado nas histórias de Herodes e da dinastia lágida do Egipto.

No nosso inquérito, procuraremos descortinar os «conhecimentos» expressos n'*A Relíquia* sobre o Egipto antigo e aquilatar da sua «correção científica» à luz do que hoje sabemos, com clara incidência no capítulo II em que Eça de Queirós aborda a estadia dos dois companheiros de viagem em Alexandria.

Pessoalmente, interessa-nos, sobretudo, analisar os «conhecimentos egiptológicos» patentes nessas descrições e diálogos, sabendo, obviamente, de antemão, que nos situamos numa época em que o pioneirismo da Egiptologia não permitia ainda seguros conhecimentos sobre todos os aspectos da antiga civilização egípcia.

### **Do Campo de Santana a Jerusalém, com escala em Malta e em Alexandria**

Verdadeiramente intimado pela tia D. Patrocínio, por influência do «senhor padre Casimiro» (*ibidem*: 61), a ir a Jerusalém em peregrinação, Teodorico manifesta ponderada preocupação em localizar com exactidão tal destino. Para o efeito, vai ao fundo de um baú e num antigo atlas identifica o seu longínquo destino: «o meu dedo errante sentia já o cansaço de uma longa jornada. [...] Ali estava Jerusalém. Meu Deus! Que remoto, que ermo, que triste!» (*ibidem*: 61).

12. Matos (1993a: 810).

Animado pela sua intrínseca faceta sensual, logo descortina os momentos de fruição prazenteira que tal viagem poderia possibilitar: «Um clarão sulcou-me a alma. [...]— Caramba, vou fartar o bandulho!» (*ibidem*: 62). A sensualidade e o desejo que o Oriente suscitava em muitos homens de Oitocentos surge muito bem canalizado por Eça para o carácter, já de si tão propenso a tais desígnios, de Teodorico Raposo.

Um «Guia do Oriente», comprado a «Benjamim Sarrosa & C.<sup>a</sup>, judeu sagaz», ajuda-o a programar a viagem:

Embarcaria no «Málaga», vapor da casa Jadley que, por Gibraltar, e depois por Malta, me levaria, num mar sempre azul, à velha terra do Egipto. Aí um repouso sensual na festiva Alexandria. Depois no paquete do Levante, que sobe a costa religiosa da Síria, aportaria a Jafa, a de verdejantes pomares; e de lá, seguindo uma estrada macadamizada, ao chouto de uma égua doce, veria, ao fim de um dia e ao fim de uma noite, surgirem, negras entre colinas tristes, as muralhas de Jerusalém! (*ibidem*: 63).

Em breve, no «Jornal das Novidades» surgia o anúncio congratulatório da viagem: «Parte brevemente a visitar Jerusalém, e todos os sacros lugares em que padeceu por nós o Redentor, o nosso amigo Teodorico Raposo, sobrinho da Exma. D. Patrocínio das Neves, opulenta proprietária, e modelo de virtudes cristãs. Boa viagem!» (*ibidem*: 63-64 e 69).

Foi justamente em Malta, uma das paragens do grandioso e santo itinerário traçado, que Teodorico conheceria Topsius, como fez questão de esclarecer no seu «Guia Pitoresco»:

Eu conhecera Topsius em Malta, uma fresca manhã, estando a comprar violetas a uma ramalheira que tinha já nos olhos grandes um langor muçulmano: ele andava medindo consideradamente com o seu guarda-sol as paredes marciais e monásticas do palácio do Grão-Mestre (*ibidem*: 69).

Nesta notícia sobre o primeiro encontro do português e do alemão, Eça de Queirós coloca-os logo em posições ético-existenciais diametralmente opostas: Teodorico dedicado a futilidades e obrigações efémeras da existência quotidiana; Topsius persuadido do dever doutoral de «medir os monumentos da Antiguidade», para conhecimento da posteridade (*ibidem*).

A primeira impressão é uma mistura de sensações um pouco contraditórias, confusas mesmo:

Persuadido que era um dever espiritual e doutoral, nestas terras do Levante, cheias de história, medir os monumentos da Antiguidade, tirei o meu lenço e fui-o gravemente passeando, esticado como um côvado, sobre as austeras cantarias. Topsisius dardejou-me logo, por cima dos óculos de ouro, um olhar desconfiado e ciumento. Mas tranquilizado, decerto, pela minha face jucunda e material, pelas minhas luvas almis-caradas, pelo meu fútil raminho de violetas — ergueu cortesmente de sobre o longo cabelo, corredio e cor de milho, o seu bonezinho de seda preta. Eu saudei com o meu capacete de cortiça, e comunicámos (*ibidem*).<sup>13</sup>

Da comunicação de circunstância encetada nasce a incontornável constatação que ambos tinham o mesmo roteiro, apesar das diferentes motivações que os moviam: «aos santos motivos» (*ibidem*) de Teodorico contrapunha-se a «peregrinação científica» (*ibidem*) de Topsisius. O alemão desejava visitar os lugares santos (Judeia e Galileia) e Alexandria para «co-lher notas» para as duas obras que acalentava — «A História de Herodes» e «A História dos Lagidas»: «estas duas turbulentas famílias, os Herodes e os Lagidas, eram propriedade histórica do doutíssimo Topsisius» (*ibidem*) —, o português, sobrinho interesseiro, cumpria uma peregrinação por conta da sua tia rica e beata.

Por sugestão explícita do português, tornam-se «camaradas de viagem» e selam o novo estatuto com umas canecas de cerveja (*ibidem*: 69-70):

— Então, ambos com o mesmo roteiro, podíamos acamaradar, Dr. Topsisius!

Ele, espigado, magríssimo e pernudo, com uma rabona curta de lus-trina, enchumaçada de manuscritos, cotejou gostosamente:

— Pois acamarademos, D. Raposo! Será uma deleitosa economia!

Encovado na gola, de guedelha caída, o nariz agudo e pensativo, a calça esguia — o meu erudito amigo parecia-me uma cegonha, risível e cheia de letras, com óculos de ouro na ponta do bico. Mas já a minha animalidade reverenciava a sua intelectualidade: e fomos beber cerveja.<sup>14</sup>

13. A assumida predilecção do estudioso alemão pelas peripécias históricas dos Herodes, que se comprazia «escarafunchando o cisco histórico dos Herodes» (*ibidem*: 241), leva Teodorico/Eça de Queirós a apelidá-lo várias vezes de «erudito investigador dos Herodes» (*ibidem*: 91), «prudente historiógrafo dos Herodes» (*ibidem*: 96), «sábio historiador dos Herodes» (*ibidem*: 98), «historiador dos Herodes» (*ibidem*: 101, 149, 153) e «nobre historiador dos Herodes» (*ibidem*: 124).

14. Mais à frente, Eça de Queirós voltará à «tendência» do alemão pela cerveja ao escrever, pela mão de Teodorico: «E enquanto Topsisius se alargava de cerveja ...» (*ibidem*: 72) ou, noutra passagem, quando é descrito quando almoçava acompanhado pela «sua

A parceria luso-alemã aqui indiciada é um testemunho literário das efetivas parcerias de viagem que marcaram todo o século XIX, no âmbito do «turismo cultural» ao Egito incrementado após a campanha de Bonaparte. São inúmeros os exemplos efetivos que poderíamos citar. Fixemo-nos apenas nos casos célebres da expedição científica de Champollion e Rosellini e da viagem de Flaubert e Maxime Du Camp.

A expedição franco-toscana de 1828-29, patrocinada pelo grão-duque Leopoldo II da Toscana, e organizada conjuntamente por Jean-François Champollion (1790-1832) e pelo seu discípulo e amigo italiano Ippolito Rosellini (1800-1843)<sup>15</sup> permitiu a Champollion ler, traduzir e copiar textos hieroglíficos, de Alexandria a Assuão, na Núbia e em Abu Simbel, em suma, um pouco por todo o lado, comprovando a qualidade e a validade do método de decifração que descobrira e anunciara em 1822.<sup>16</sup>

Na viagem que fizeram ao Oriente (Egito, Palestina, Síria, Ásia Menor), Gustave Flaubert (1821-1880) e Maxime Du Camp (1822-1894) passaram oito meses no Egito (de Novembro de 1849 a Julho de 1850). Os dois amigos subiram o Nilo à vela, desde Alexandria até à zona em território do Sudão, hoje chamada Lago Nuba, tendo oportunidade de atravessar o deserto de camelo e escalar as pirâmides.<sup>17</sup>

---

vasta caneca de cerveja» (*ibidem*: 78). Já na Palestina, o contrato com o guia montenegrino Paulo Potte foi também firmado «bebendo vasta cerveja» (*ibidem*: 88). Este Potte providenciaria uma outra bebida — champanhe — para os dois amigos celebrarem o encontro da grande relíquia para a titi. Topsisius beberia «à ciência» e Teodorico «à religião» (*ibidem*: 121).

15. Na viagem, Champollion e Rosellini teriam, ainda, a companhia, entre outros, dos desenhadores Nestor L'Hôte (1804-1842) e Pierre François Lehoux (1803-1883).
16. Resultado da expedição, sob a coordenação de Rosellini, foram executados variados relevos epigráficos e desenhos dos principais monumentos antigos que seriam reunidos em catorze volumes manuscritos, depois publicados em dez volumes na obra *I Monumenti dell'Egitto e della Nubia, disegnati dalla spedizione scientifico-letteraria Toscana in Egitto* (1832-1844). Esta obra juntou-se à *Description de L'Égypte* (1809-1829), produzida pelos sábios da expedição napoleónica, e converteu-se numa das grandes obras de consulta obrigatória da recém criada Egiptologia (cf. Schulz 1997: 496).
17. No regresso do Oriente, Gustave Flaubert escreveria, entre Junho e Setembro de 1851, *Voyage en Égypte* (só publicado postumamente, em 1881), relato da estadia que o próprio romancista considerava um monumento da sua memória pessoal, encontrando-se reminiscência dela em toda a sua obra. *A Voyage* de Flaubert é um documento literário inestimável e um precioso testemunho do Egito da época. Maxime Du Camp, por sua vez, além do seu *Le Nil (Égypte et Nubie)*, de 1853, dedicado «a Théophile Gautier», fez também 150 calótipos, que fazem dele um dos primeiros repórteres fotográficos da sua época, que publica em *Égypte, Nubie, Palestine et Syrie, dessins photographiques recueillis pendant les années 1849-1850 et 1851. Accompagnés d'un texte explicatif et précédés d'une introduction*.

Em 1869, vinte anos depois de Flaubert/Du Camp, seria a ocasião do próprio Eça de Queirós, com o seu amigo e futuro cunhado, D. Luís de Castro Pamplona, o 5º conde de Resende, estabeleceram uma dupla para conhecerem o Oriente e assistirem à inauguração do canal de Suez. Poucos meses antes de Eça de Queirós e de D. Luís de Castro Pamplona, fora a vez de Ricardo Guimarães, visconde Benalcanfor, visitar o Cairo com o seu companheiro de excursão, o inglês Haking (cf. Araújo 1988: 25, 169, 177).<sup>18</sup>

A ideia da camaradagem de viagem de que *A Relíquia* dá testemunho nas personagens do português Teodorico e do alemão Topsius decorre, pois, de um hábito cultural oitocentista bem atestado e no qual o próprio Eça participou. Aliás, já Théophile Gautier (1811-1872), poeta e crítico francês, fizera literariamente o mesmo em *Le Roman de la momie* (1858), relatando as aventuras dos companheiros de viagem no Egito, o inglês Lord Evandale e o alemão Dr. Rumphius (cf. Gautier 1980: 9). Também Gautier viajara pelo Oriente, presenciara a abertura do canal de Suez e fora tocado pelas suas arrebatadoras sensações.<sup>19</sup> É admitido até que Eça de Queirós, profundo admirador de Gautier, lhe tenha tomado, além do gosto pelos nomes exóticos (bem expresso em *O Egito. Notas de viagem*), elementos para a descrição do seu alemão.

Em Eça, o sábio alemão Topsius é, como vimos (Queiroz 2004: 70),

espigado, magríssimo e pernudo [...] Encovado na gola, de guedelha caída, o nariz agudo e pensativo, a calça esguia [...] parecia-me uma cegonha, risível e cheia de letras, com óculos de ouro na ponta do bico.

Em Gautier, o eminente sábio e egiptólogo alemão Rumphius é descrito como tendo uma «cabeça grande e redonda, com a sua calva eternamente brilhante. O nariz aquilino e as lentes azuladas dos óculos davam-lhe um aspecto de íbis transfigurada [...]» (Gautier 1980: 11). «Cegonha» / «íbis», narizes e óculos são denominadores comuns nas descrições literárias de Topsius e Rumphius que podem pressupor a leitura do romance do escritor francês pelo romancista português.

18. Ver também Matos 1993: 427-429. O 5º conde de Resende, de seu nome completo D. Luís Manuel Benedito da Natividade de Castro Pamplona de Sousa Holstein (1844-1876) era, pelo seu nascimento, conde, par do reino e almirante de Portugal e, por opção e formação, engenheiro de pontes e estradas pela Academia Politécnica do Porto (cf. Carvalho 1993a: 840).

19. Embora, ao que parece nunca tenham falado, Eça de Queirós e Théophile Gautier ficaram ambos instalados no Shepheard's Hotel aquando da sua deslocação para a inauguração do canal de Suez (cf. Araújo 1988: 107-109).

Eça de Queirós não se esforça muito para marcar as fortíssimas dissonâncias dos novos camaradas de viagem. Elas são muito evidentes. Tendo-nos já referido, no início do cap. I, os antecedentes familiares de Teodorico Raposo, fornece agora, no início do cap. II, a ilustre ascendência do Dr. Topsisius.

As diferenças do quadro esboçado são, realmente, abissais e significativas: Teodorico tem como avô um padre, «prior da Amendoeirinha» (Rufino da Conceição), licenciado em Teologia, autor de uma devota «Vida de Santa Filomena» (Queiroz 2004: 11). Topsisius é neto de Shlock, o naturalista, autor de «um famoso tratado em oito volumes sobre a ‘Expressão Fisionómica dos Lagartos’, que assombrou a Alemanha» (*ibidem*: 70).

O pai de Teodorico, de seu nome Rufino de Assunção Raposo, além de viver em Évora, de ter «emprego no Correio» (*ibidem*: 11) e de escrever «por gosto no ‘Farol do Alentejo’» (*ibidem*), teve como maior distinção de carreira ser «nomeado, escandalosamente, director de Alfândega de Viana» (*ibidem*: 12) por influência do «eclesiástico ilustre, D. Gaspar de Lorena, bispo de Chorazin (que é em Galileia)» (*ibidem*: 11).

O Dr. Topsisius, por seu turno, tivera no seu homónimo tio um «memorável egiptólogo» (*ibidem*: 70) que, aos 77 anos, «ditou da poltrona, onde o prendia a gota, esse livro genial e fácil — a ‘Síntese Monoteísta da Teologia Egípcia, considerada nas Relações do Deus Phtah e do Deus Imhotep com as Tríades dos Nomos’» (*ibidem*).

Enquanto o próprio Topsisius se podia orgulhar de, aos 22 anos, nos 19 artigos publicados no «Boletim Hebdomanário de Escavações Históricas» ter esclarecido «radiantemente» para toda a Alemanha científica a «questão vital para Civilização, de uma parede de tijolo erguida pelo rei Pi-Sibkmé, da vigésima primeira dinastia, em torno de um templo de Ramsés II, na lendária cidade de Tânis» (*ibidem*), Teodorico só poderia mencionar a intenção de escrever dois artigos para o «Almanaque da Imaculada Conceição» (cf. *ibidem*: 52) e a publicitação da sua viagem no «Jornal das Novidades» ...

Na trama naturalmente muito crítica de Eça, mas, por isso, eventualmente, muito eficaz, ambas as personagens surgem como figuras fortemente afectadas por factores educativos e hereditários claramente distintos (cf. Reis 1996: 96). O jogo literário de contrastes a partir das ascendências é, assim, indiciado explicitamente e espera-se que dele ressalte a inevitável diferença dos hábitos, costumes e posturas dos dois homens.

A pugna das astúcias do cap. I, entre D. Patrocínio (personificação da sociedade teocrática tradicional) e o sobrinho Teodorico (representante da nova geração, irreligiosa e liberal, do séc. XIX), é transferida nos capítulos II-IV para as oposições hereditário-pessoais entre Teodorico e Topsisius. A camaradagem luso-alemã agrega flagrantemente dois companheiros situ-

ados em distintos patamares intelectuais, com diferentes atitudes existenciais.

Coerentemente com esta visão, não é de surpreender que à chegada ao cais de Alexandria,<sup>20</sup> «num domingo e dia de S. Jerónimo» (Queiroz 2004: 68), a «sabedoria egiptológica» do lente alemão — «zumbido científico» (*ibidem*), na néscia opinião de Teodorico — venha ao de cima, perante o espanto e a incompreensão do português:

— Egipto! Egipto! Eu te saúdo, negro Egipto! E que me seja em ti propício o teu deus Phtah, deus das letras, deus da História, inspirador da obra de Arte e da obra de Verdade! ..

[...] invoquei as divindades, com o ilustrado doutor de Bona:

— Egipto, Egipto! Eu te saúdo, negro Egipto! E que me seja propício ...

— Não! Que vos seja propícia, D. Raposo, Isis, a vaca amorosa! — acudiu o eruditíssimo homem, risonho e abraçado à minha chapeleira.

Não compreendi, mas venerei. (*ibidem*)

Desta bacoca veneração e reverência de Teodorico dá Eça de Queirós várias descrições:

Só conservo de Topsisius recordações suaves ou elevadas. [...]. Encontrei-o sempre instrutivo, serviçal, paciente e discreto. Raramente compreendia as suas sentenças, sonoras e bem cunhadas, tendo a preciosidade de medalhas de ouro; mas, como diante da porta impenetrável de um santuário, eu reverenciava, por saber que lá dentro, na sombra, refulgia a essência pura da ideia (*ibidem*: 70, 71); [...] o alemão era lente e sabia tudo [...] (*ibidem*: 245).

O distanciamento cultural existia de facto. Só quando o sócio do Instituto Imperial de Escavações Históricas baixava ostensivamente o nível da conversação é que havia possibilidade de alguma «proximidade»: «Por vezes também o Dr. Topsisius rosnava uma praga imunda: e então uma grata comunhão se estabelecia entre ele e o meu singelo intelecto de bacharel em leis» (*ibidem*: 71).

20. Como refere Luís Manuel de Araújo, ao desembarcar no cais de Alexandria, Teodorico vê o mesmo que Eça vira quando aí chegara: «no cais faisicante, entre fardos de lã, esticava-se, banal e sujo, o barracão da Alfândega» (cf. Araújo 1988: 65, nota 19).

Toda a estadia e vivência de Alexandria de Teodorico e de Topsisus é descrita por Eça sob este prisma da diferença de ser e de estar de ambas as personagens, onde material e espiritual dificilmente se aproximam. Teodorico deleita-se na preguiça e na luz da «cidade dos Lagidas» (*ibidem*: 74), bem como nas «festivas delícias muçulmanas» (*ibidem*) proporcionadas pela inglesa de York, «Miss Mary», da Rua das Duas Irmãs.

Pela deliciosa Mary, a «rosa de York aberta e sensual» que perfumava Alexandria (*ibidem*: 87), a «flor de deboche» (*ibidem*: 241) ou «a nossa simbólica Cleópatra» (*ibidem*: 74), como lhe chamava Topsisus, cúmplice dos amorosos passeios luso-britânicos «à beira do canal Mamoudieh» (*ibidem*: 74),<sup>21</sup> Teodorico renunciou a ver «o Cairo, o Nilo e a eterna Esfinge, deitada à porta do deserto, sorrindo da Humanidade vã ...» (*ibidem*: 74).

Pelo calor das saias da inglesa (cf. *ibidem*), o «adorno de Alexandria» (*ibidem*: 227), o apaixonado português não vai ao Cairo, enjeitando assim a possibilidade de ver o multimilenar Nilo, a via de comunicação por excelência do tempo dos faraós («o grande rio que corre eterno e sereno entre as ruínas das religiões e os túmulos das dinastias ...», *ibidem*: 105), e o esplendoroso planalto de Guiza com as suas emblemáticas pirâmides e a não menos emblemática Grande Esfinge. Eça, que visitou a capital egípcia e a descreveu em pormenor, bem como o seu mais célebre planalto com os seus extraordinários monumentos e que os elogiou bastante, critica assim o comportamento e o desdém cultural de Teodorico.

Já o seu «sapiéntissimo amigo, com o lápis dos apontamentos na algibeira da rabona» (*ibidem*: 72), se comprazia principalmente «a rebuscar antigualhas e pedras do tempo dos Ptolomeus» (*ibidem*).<sup>22</sup> O contraste luso-germânico é total.

Embalado pela doce paixão pela sua «loura luveira» dos «beiços gordinhos» (*ibidem*: 226) a quem chamava «Maricoquinas» e «rechonchudinha» (*ibidem*) e amarrado ao precioso embrulho com a camisinha da sua amante, o Raposão não tira qualquer proveito prático da amável erudição e dos profundos conhecimentos do seu guia alemão particular durante os passeios por Alexandria. Nada retém sobre a «Calçada dos Sete Estados»

21. Num sonho, o Diabo, muito bem informado sobre a antiga religião egípcia, indica a Teodorico que a inglesa não era quem lhe parecia e estabelece um outro interessante paralelismo: «Não era Maricocas, era Ísis» (*ibidem*: 84).

22. Esta pose do alemão, sempre de lápis em riste sob o seu guarda-sol, dá aso a uma deliciosa descrição de Eça nas terras da Escritura: «Cedo, ao outro dia, domingo, o incansável Topsisus partiu, bem enlapisado e bem enguarda-solado, a estudar as ruínas de Jericó, essa velha cidade das palmeiras que Herodes cobrira de termas, de templos, de jardins, de estátuas, e onde passaram os seus tortuosos amores com Cleópatra ...» (*ibidem*: 113).

mandada construir por Ptolomeu I, nem sobre o porto Eunotos ou sobre os cais da época de Cleópatra VII, a última rainha do Egípto independente (cf. *ibidem*: 81) que o estudioso alemão gostosamente explicava. Nada apreende sobre o «Grande Verde» (cf. *ibidem*), denominação dada pelos antigos Egípcios ao Mediterrâneo. A sensualidade do português embrutecia-o e ensombrava o fulgor do brilhantismo pedagógico-didático do alemão.

Em tudo se distinguem e diferenciam o Topsisius «Da Imperial Alemanha» e o «Raposo, português, de Aquém e de Além Mar» (*ibidem*: 71). Na escrita memorial de Teodorico percebe-se nitidamente este sentimento de inferioridade, da mesma forma como se nota, aqui e além, algum desdém crítico, recheado de mediocridade, em relação ao seu «companheiro». O desdém é, neste caso, filho lídimo da inferioridade que o português sentia e reconhecia, embora mesclados com sentimentos contraditórios de agradecimento:

Ficou-me a dever seis moedas — mas esta diminuta migalha de pecúnia desaparece na copiosa onda de saber histórico com que fecundou o meu espírito. Uma coisa apenas, além do seu pigarro de erudito, me desagradava nele — o hábito de se servir da minha escova de dentes.

Era também intoleravelmente vaidoso da sua pátria. Sem cessar, erguendo o bico, sublimava a Alemanha, mãe espiritual dos povos; depois ameaçava-me com a irresistibilidade das suas armas. A onisciência da Alemanha! A onipotência da Alemanha.[...]. Eu, brioso, não gostava desta jactância (*ibidem*).

Numa outra passagem, esboça-se mesmo um desentendimento entre os camaradas de viagem, rapidamente, porém, sanado com a intervenção do guia de viagem Paulo Potte e selado com um galhardo aperto de mão:

O erudito Topsisius resmungou, alçando o bico com petulância, que a Alemanha era a mãe espiritual dos povos...

□ O brilho que sai do capacete alemão, D. Raposo, é a luz que guia a humanidade!

□ Sebo para o capacete! A mim ninguém me guia ! Eu sou Raposo, dos Raposos do Alentejo! Ninguém me guia senão Nosso Senhor Jesus Cristo ... E em Portugal há grandes homens! Há Afonso Henriques, há o Herculano ... Sebo!

Ergui-me, medonho. O sapientíssimo Topsisius tremia encolhido. Potte acudiu:

□ Paz, cristãos e amigos, paz!

Topsisius e eu recruzámo-nos logo no divã □ tendo apertado as mãos, galhardamente e com honra (*ibidem*: 101).

Estas notas de patriotismo ou, se preferirmos, de sentimento anti-germanófilo, são traços das profundas marcas da cultura francesa em Eça de Queirós (cf. Lind 1993: 51, 52).<sup>23</sup> O escritor deixa transparecer nalgumas passagens da sua obra, como seria o caso da referência anterior, reflexos da mentalidade e da visão francesa que adoptou sobre a Alemanha de Weimar e os assuntos alemães da segunda metade do século XIX, depois da guerra franco-prussiana de 1870, ou seja, depois da condução dos assuntos políticos por Bismarck (1870-1890).

O forte individualismo e brilhantismo intelectual de Topsius e a sua excessiva vaidade patriótica são para Teodorico/ Eça feições activas do pragmatismo, do militarismo, da ambição desmedida e da agressividade da Alemanha de Bismarck. Esta «jactância» e bazófia alemã hipernacionalista feria a simpática e idílica sensibilidade burguesa-romântica do(s) português(es). O panorama de manifesta superioridade do alemão Topsius sobre o português Teodorico a que Eça se curva em inúmeras passagens é, de súbito, caldeado com esta nota de aberta desconfiança, indignação e rejeição.

A própria motivação adjacente aos escritos memorialistas de Teodorico (responder ao alemão com «enérgica contestação» (Queiroz 2004: 7) e dar-lhe «uma lição lúcida e forte» (*ibidem*: 5) parece resultar do mesmo fundo anti-germânico. A depreciação e ridicularização da erudição pedante do sábio alemão são formas de sublimar as diferenças de atitude presentes no encontro luso-alemão.

Usar Topsius a escova de dentes de Teodorico é uma peripécia que revela, mais do que a elevada distração do sábio alemão, o seu abuso e a sua falta de respeito em relação ao português. Da mesma forma, as «falsidades» da obra publicada após o seu regresso à Alemanha feriam o orgulho nacionalista de Teodorico. Tal como assinara no registo do Hotel das Pirâmides, em Alexandria, por uma questão de paridade existencial e despique com o altivo alemão, «português, de Aquém e de Além Mar» (*ibidem*: 71), também agora com a publicação das suas memórias pretendia

---

23. No mesmo texto, este autor escreve: «Além disso, em 1872, começa a carreira diplomática de Eça, e no decurso das suas viagens, pelo Egipto, por Cuba, pela Inglaterra e pela França, chegou a conhecer pessoalmente alguns representantes do povo alemão, bem diferentes dos cavalheiros ideais e das Marias ingénuas dos seus folhetins românticos» (Lind 1996: 53) e: «Nos seus postos de observação, primeiro em Inglaterra, em Bristol, mais tarde em França, em Paris, acompanha o desenvolvimento da Alemanha imperial com atenção e receios» (*ibidem*: 55), e ainda: «[...] podemos supor, sem andarmos muito longe da verdade, que o cônsul Eça foi um leitor atento dos jornais e revistas ingleses e franceses» (*ibidem*: 56).

alcançar o mesmo patamar de respeito e de ilustração do seu «camarada» de viagem.

Ao sanguíneo Raposo, «dos Raposos do Alentejo» (*ibidem*: 93),<sup>24</sup> abominava a servilidade e a cobardia do diletante alemão, bem expressa no episódio de Jerusalém em que um brutamontes barbado lhe derruba o guarda-chuva, sem se dignar pedir-lhe desculpa ou sequer esboçar a mínima intenção de o fazer:

O meu douto amigo, com a sua cobardia social de alemão disciplinado, apanhou o seu guarda-chuva e escovou-lhe o paninho, murmurando, já trémulo, que talvez «o barbaças fosse um duque ...»

— Qual duque! Para mim não há duques! Eu sou Raposo, dos Raposos do Alentejo ... Rachava-o! (*ibidem*: 93).<sup>25</sup>

A censura e o forte desprezo pela reacção (ou ausência de reacção) do «venerabilíssimo Topsius» (*ibidem*: 92) são uma assumida oposição à disciplina subserviente, interesseira e manhosa de que os alemães, na opinião de Eça, davam prova perante as autoridades (cf. Lind 1993: 55).<sup>26</sup> Aos olhos de Teodorico/Eça, o prestígio do saber do historiador não desculpava a sua falta de carácter. Antes pelo contrário, tornavam-no ainda mais abjecto e intolerável.

Teodorico não se deixa intimidar por completo pela superioridade intelectual do seu amigo alemão e não perde a sua compostura e ética de português. O «antes quebrar que torcer» do alentejano é a assunção de uma enérgica contestação e de um profundo desencontro de atitudes. O «murmúrio trémulo» do doutorado de Bona relega-o, aos olhos portugue-

24. «Os Raposos primavam pelo sangue no fidalgo Alentejo» (*ibidem*: 102).

25. O «barbaças» era um escocês, negociante de curtumes, que, não obstante a bazófia do português, haveria de lhe aplicar uma valente sova quando o apanhou a espreitar a sua mulher pelo buraco da fechadura (cf. *ibidem*: 93, 99, 100).

26. Esta característica é focada várias vezes no sonho místico de Teodorico: perante uma legião romana («Eu recuara para o escuro do cedro. Mas Topsius, logo, como um germano servil, desmontara, ajoelhando quase no pó, ante as armas de Roma; e não se conteve, berrou, agitando os braços e a capa: — Longa vida a Caius Tiberius, três vezes cônsul, ilírico, parónico, imperador, pacificador e augusto! ... Alguns legionários riram, crassamente», *ibidem*: 127); perante o «venerando Osanias» («Mas Topsius quase se prostrara, a beijar os seus sapatos redondos de couro amarelo, atados por fios de ouro □ porque aquele era o venerando Osanias, da família pontifi cal de Beothos, ainda do sangue real de Aristobolus!», *ibidem*: 139) e perante o Rabi Robão («Era formoso Manassés; e com ele vinha um velho magnífico, de uma nobreza de pontífice, a quem Topsius beijou filialmente a manga da simarra branca, bordada de verdes folhas de parra», *ibidem*: 153).

ses, para um patamar de cobardia e de inferioridade. O ignorante fidalgo português dá, desta forma, uma forte lição de maneiras ao erudito alemão.

Os conhecimentos egiptológicos nas descrições queirosianas d'*A Relíquia*

O contacto entre o erudito alemão e o fidalgo português em Alexandria e na Terra Santa dão a Eça de Queirós a oportunidade de transmitir os seus conhecimentos históricos sobre os monumentos, os costumes e as características geográficas, culturais e históricas destes lugares. Como já referimos, trata-se dos «conhecimentos egiptológicos possíveis», atendendo à própria infância em que a disciplina emergente ainda vivia.

Além disso, na primeira metade do século XIX, a investigação egiptológica confundiu-se, por vezes — talvez demasiadas vezes — com o saque organizado dos tesouros e artefactos artísticos do antigo Egipto, frequentemente com a complacência ou o directo envolvimento dos Estados (através dos seus diplomatas sediados no Egipto) e dos museus europeus (cf. Sales 2002: 85-112).

O clima intelectual gerado na Europa romântica, de arrebatado entusiasmo e curiosidade pelo exotismo e pela auréola de mistério provenientes do Egipto, tornaram-no rapidamente, como já referimos, num destino mais do que apetecível quase obrigatório. Em breve, a atracção pelos segredos escondidos da antiga civilização egípcia fez deslocar aventureiros e estudiosos de todo o tipo num afã de descoberta e de colecção de antiguidades egípcias sem precedentes, iniciando-se uma época que de arqueologia tem ainda muito pouco e que caberia melhor na designação de organizada e sistemática «pilhagem de antiguidades» do que em qualquer outra.

Seria preciso esperar pelo início do século XX para que a Egiptologia científica firmasse, decisivamente, os seus créditos, assente num postulado constituído pela absoluta complementaridade das investigações históricas, filológicas e arqueológicas.

Eça de Queirós, de forma directa ou indirecta, tinha seguramente conhecimento das vicissitudes e dos progressos da nova ciência surgida, de maneira cientificamente conduzida, com a decifração da escrita hieroglífica dos antigos Egípcios e consolidada com as escavações e trabalhos dos primeiros verdadeiros arqueólogos.<sup>27</sup>

---

27. Sobre as fontes científicas e literárias usadas por Eça de Queirós para obter informações e se preparar para a sua própria visita ao Egipto e, depois, para a redacção de *O Egipto. Notas de viagem*, vide Araújo (1988: 35-52). A consulta destas fontes reverteria, naturalmente, também para a composição d'*A Relíquia*.

Quando, praticamente no final d'*A Relíquia*, Teodorico demonstra «ambições intelectuais» e aspira a fama europeia pela transformação da sua relíquia (a camisa de dormir de uma prostituta inglesa de Alexandria) num documento arqueológico («a camisa de Maria Magdala», Queiroz 2004: 274), Eça coloca na sua escrita a frase: «Eu surgiria, na consideração da Europa, igual aos Champollions, aos Topsisius, aos Lepsius, e outros sa-gazes ressuscitadores do Passado» (*ibidem*).

Esta referência significa que o escritor português sabia perfeitamente da façanha decifradora de Jean-François Champollion, comunicada à *Académie Royale des Inscriptions et Belles-Lettres* a 27 de Setembro de 1822.<sup>28</sup> Eça alista apropriadamente o filólogo francês entre os estudiosos que permitiram ressuscitar o antigo Egipto.

De igual forma, a sua referência manifesta que conhecia o impacto do trabalho de Karl Richard Lepsius (1810-1884), o arqueólogo-chefe da expedição prussiana ao Egipto e à Núbia, suportada financeiramente pelo rei Friedrich Wilhelm IV, a mais bem preparada expedição jamais enviada ao Egipto (cf. Warren/Uphill 1972: 174).<sup>29</sup> De 1842 a 1845, Lepsius reuniu um considerável material que seria depois, entre 1849 e 1859, publicado em 12 volumes intitulados *Denkmäler aus Ägypten und Äthiopien* (*Monumentos do Egipto e da Núbia*), com gravuras que despertaram imenso interesse entre estudiosos e peritos. Tratava-se do maior trabalho egip-tológico publicado até então, destronando, em consequência, a *Description de l'Égypte*.

Richard Lepsius é, geralmente, aceite como o maior egiptólogo depois de Champollion e o único que merece ser alistado a seu lado nas contribuições que trouxe para a Egiptologia.<sup>30</sup> Ora Eça de Queirós fez justamente

28. A carta dirigida a Bon-Joseph Dacier (1742-1833), secretário perpétuo da Académie, denominada *Lettre a M. Dacier relative à l'alphabet des hiéroglyphes phonétiques employés par les Égyptiens, pour inscrire sur les monuments les noms et surnoms des souverains grecs et romains*, foi lida na sessão de 27 de Setembro e nela Champollion anuncia oficialmente que sabia ler as cartelas hieroglíficas, os títulos e qualificações reais, os nomes de pessoas privadas, etc. (cf. Sales 2001: 198-199).

29. Luís Manuel de Araújo refere a notória semelhança prosódica e gráfica entre Topsisius e Lepsius e sugere que no Topsisius-tio podemos detectar uma alusão ao histórico Lepsius (cf. Araújo 1988: 117 e 122).

30. Além da sua actividade arqueológica, Karl Richard Lepsius ficou também conhecido até aos nossos dias no mundo egiptológico pela autoria da designação *Todtenbuch* com que se passaram a referir as cerca de 190 fórmulas que os Egípcios chamavam *rau nu peret em heru*, «fórmulas para sair à luz do dia», e que ainda hoje, devido a ele, são referidas como *Livro dos Mortos*.

isso ao enunciá-lo ao lado de Champollion como um dos afamados responsáveis pela recuperação do passado egípcio.<sup>31</sup>

Na citação de Teodorico/Eça é possível, porém, notar uma grande similaridade com uma passagem de Théophile Gautier em que o historiador alemão Rumphius, qual Howard Carter *avant le temps*, desejava descobrir em Biban el-Muluk (Vale dos Reis) um túmulo faraônico inviolado. O companheiro inglês, Lord Evandale, sustenta-lhe o ambição dizendo: «Sim, um túmulo sobre o qual depois publicaria uma dissertação das mais eruditas. Seria uma obra capaz de o colocar ao lado de Champollion, Rosellini, Wilkinson, Lepsius e Belzoni» (Gautier 1980: 9).

Além do tópico da parelha de viagem, também aqui parece funcionar a intertextualidade Eça-Gautier. O francês, a par de Champollion e Lepsius, enumera outros estudiosos de mérito reconhecido: os italianos Rosellini (o amigo e discípulo de Champollion, seu camarada de viagem em 1828-29) e Giovanni Battista Belzoni (1778-1823) e o inglês John Gardner Wilkinson (1797-1875). Directamente ausentes na referência de Eça, estes estudiosos são, contudo, genericamente, englobáveis nos outros «Topsisius ressuscitadores do passado» que o escritor português refere.

Vejamos agora, mais de perto, os «saberes egíptológicos»<sup>32</sup> presentes em várias passagens d'*A Relíquia*, atentos à intertextualidade das obras de Eça que algumas revelam:

1. A invocação de Topsisius à vista de Alexandria depois repetida um pouco maquinalmente por Teodorico («— Egipto! Egipto! Eu te saúdo, negro Egipto!») surge, segundo os mesmo contornos, em *O Egipto*:

De manhã, avistámos uma terra baixa, negra, ao nível do mar. Era o Egipto. [...]. Era enfim Alexandria. [...]. Assim tu nos apareceste, ó negro Egipto, romântica terra dos Califas (Queirós s.d.: 39, 42).

É muito curiosa esta insistência na coloração negra do Egipto (cf. Queiroz 2004: 113). O escritor português quer com ela evocar o Egipto

31. Curiosamente, a última visita ao Egipto de Lepsius foi em 1869, quando esteve presente na abertura do canal de Suez, momento que marcou a primeira (e única) visita do romancista português.

32. Recordemos, como Isabel Pires de Lima, que «Eça tinha feito leituras preparatórias» da sua própria viagem, embora, como confessou em *O Egipto*, não fosse um *expert*: «Eu não sou um sábio, como se vê; não tenho a honra de distinguir Ramsés IV de Menefá II, nem tenho intimidades com múmias ..., mas creio que o Egipto é um país simples, luminoso e claro como a Grécia. Pelo menos não tem nada de misterioso nem de lúgubre» (Queirós s.d.: 180; cf. Lima s.d.).

islâmico, seu contemporâneo. Não cremos que Eça de Queirós tivesse consciência do eco histórico que as suas referências cromáticas tinham no âmbito da antiga civilização faraónica.

De facto, a impressão cromática das cores naturais, a sua rígida e visível demarcação na própria paisagem marcaram e modelaram, de forma indelével, a sensibilidade dos antigos Egípcios. Foi devido a uma oposição basicamente visual entre a *kemet*, «a terra negra» (aludindo ao fertilizador limo negro que a inundação anual do Nilo depositava um pouco por todo o lado) e a *decheret*, «a terra vermelha» (a inóspita areia dos desertos que bordejavam, a este e a oeste, o vale do Nilo) que os Egípcios da Antiguidade designavam o seu próprio país como «a Negra; a (Terra) Negra», isto é, a estreita faixa enegrecida (fêtil) entre o Nilo e o deserto (estéril), nas margens ocidental e oriental.

Esta ideia da fertilidade natural das terras nilóticas pode igualmente estar subjacente à referência ao «verde Egipto» (*ibidem*: 114) que preenche a lembrança do nostálgico D. Teodorico Raposo.

2. Em Alexandria, Teodorico verá também «as calmas águas onde outrora, fugindo de Ácio, caíram à pressa as âncoras douradas das galeras de Cleópatra» (*ibidem*: 230).<sup>33</sup> É uma directa referência aos célebres acontecimentos de 2 de Setembro de 31 a.C., que marcaram militarmente o fim do reino independente do Egipto. Uma outra referência directa a Áccio surge na p. 136: «E ainda se cantavam, nas tabernas do Eunotos, as cantigas da batalha de Ácio?» (*ibidem*: 136).

Como se sabe historicamente, a crescente intervenção e penetração de Roma nos assuntos das monarquias helenísticas terminará com a sua progressiva substituição e decadência geral. Os Romanos, de acordo com o seu programa próprio de intervenção, porão termo a muitas delas ao longo dos séculos II e I a.C.

A partir de 212 a.C., Roma passa a participar de forma cada vez mais intensa na definição da política internacional do Mediterrâneo centro-oriental, o mesmo é dizer dos assuntos relativos às monarquias helenísticas: a Macedónia é, primeiramente, em 168 a.C., dividida em quatro repúblicas e, depois, em 148 a.C., reduzida a província; a Cirenaica, pertença do Senado romano, por herança, desde 96 a.C., é convertida em província, com governador destacado, em 74 a.C., e o antigo reino selêucida conver-

33. Há um nítido paralelo desta passagem com o que Eça anotou em *O Egipto*: «Eu, entretanto, pensava que ia pisar o solo de Alexandria. Estávamos talvez na mesma água em que outrora tinham fundeado as galeras de velas de púrpura, que voltavam de Actium!» (Queirós s.d.: 40).

ter-se-ia na província romana da Síria em 64 a.C., por acção de Pompeu. O mesmo acabaria por suceder, embora mais tarde, em 30 a.C., ao Egipto (cf. Sales 2005: 39, 42, 47 e 48).

O confronto marítimo entre as hostes egípcias de Cleópatra e Marco António e as forças romanas do pré-imperador Octávio, em 31 a.C., em Áccio, ao largo das costas ocidentais da Grécia continental, assinalará um dos momentos-chave do mundo antigo, assinalando uma nova alteração radical dos moldes de vida do Mediterrâneo. Um novo ritmo marcará, a partir daí, depois da acção de Alexandre Magno e dos seus diádocos e epígonos, os destinos políticos da região: aos reinos helenísticos sucederá o poderoso império romano.

Neste processo, o episódio da fuga de Cleópatra do «campo de batalha» em Áccio e o seu refúgio momentâneo em Alexandria, seguida pelo amante Marco António, onde depois Octávio entraria como incontestado vencedor, marcou o imaginário da Antiguidade e da Modernidade, encontrando-se ecos dele na própria narrativa queirosiana. O outro episódio imediato que deixaria indeléveis registos na memória colectiva foi o suicídio de Cleópatra ou, se preferirmos, o duplo suicídio de Cleópatra e Marco António.

3. Geograficamente, desde a Antiguidade que Alexandria estava separada do resto do Egipto (*chôra*) pelo lago Mareótis e só com uma série de canais artificiais se fazia a ligação do rio Nilo com a cidade-capital do reino ptolomaico.<sup>34</sup>

Os passeios de Teodorico com a amante Mary são transferidos para «os arvoredos aromáticos» (Queiroz 2004: 81) das margens do canal Mahmudeia (Mamoudieh) – «De tarde, na caleche de chita com o nosso doutíssimo Topsius, dávamos lentos, amorosos passeios, à beira do canal Mamoudieh» (*ibidem*: 75) –, pois Eça de Queirós sabia, por experiência própria, que esse canal que trazia a água do Nilo até Alexandria, iniciado em 1819, era um dos principais locais de passeio na Alexandria oitocentista:

Passam-se as ruas triviais e silenciosas, e começa-se a penetrar numa paisagem duma inesperada originalidade. Caminha-se a passo, numa grande avenida de sicômoros de folhas delgadas. Ao lado, alguma construção abandonada; depois, colinas de areia: é o começo do deserto

34. Eça de Queirós relembrará também a «velha cidade dos Ptolomeus» nas Cartas de Inglaterra, no capítulo sobre «os ingleses no Egipto», referindo-se-lhe como «o maior centro de luxo, de letras e de comércio que floresceu no Mediterrâneo» (cf. Queirós 2004a: 9). Vide também Bernand (1995 e 1996), Fraser (1972) e Gómez Espelosín (1997).

Líbico. Deixa-se a avenida e penetra-se entre bosques de palmeiras: os troncos são enormes, as folhagens flexíveis arqueiam-se. Vegetações pendem das folhas reluzentes, fortes, crescendo em confusão. Está tudo empoeirado do vento do deserto. É uma paisagem muito quente, dum colorido poderoso (Queirós s.d.: 45-46).

De regresso a Alexandria, depois da romagem na Palestina, Teodorico e Topsius, agora sem Maricocas, voltariam aos passeios à beira do canal: «Na caleche riscadinha, só com o douto Topsius, dei o derradeiro passeio nas sombras olorosas do Mamoudieh. E passei a curta noite numa rua deleitosa» (Queiroz 2004: 230). Pelo solo ainda quente «dos passos dos Ptolemeus e das sandálias de Cleópatra» (Queirós s.d.: 59), passeavam agora, em despedida da cidade, o lusitano Teodorico Raposo e o seu erudito amigo alemão Topsius.

4. Os informes geográficos n' *A Relíquia* não se esgotam, todavia, aqui; incluem, como vimos, referências à «Calçada dos Sete Estados», ao porto Eunotos e suas tabernas, aos cais da época de Cleópatra e ao Mediterrâneo como «Grande Verde», bem como ao farol de Alexandria.

O termo «Grande-Verde», *Uadj-Uer*, era a forma utilizada pelos antigos Egípcios, desde os *Textos das Pirâmides* (séc. XXIV a.C), para designar o mar Mediterrâneo (cf. Favard-Meeks 1989: 39). A cidade de Alexandria fundada, segundo a tradição a 7 de Abril de 331 a.C, por Alexandre Magno, situava-se diante da ilha de Faros e estava inteiramente voltada para o Mediterrâneo.

É durante a dinastia dos Lágidas, família real de origem macedónica em quem Topsius estava particularmente interessado, que a cidade cresce, ganha prestígio e se torna capital do Egipto, tornando-se uma parte outra do antigo território egípcio.<sup>35</sup> Essa particularidade da capital originará as designações por que ficará sempre conhecida *Alexándreia pròs Aigyptôi*, *Alexandria ad Aegyptum*, *Alexandria apud Aegyptum* ou *Alexandria in Aegypto*, isto é, «Alexandria junto do Egipto», enfatizando a forte componente helénica que sempre revelou nos tempos antigos (cf. Sales 2003: 89).

35. Embora historicamente a fundação da cidade de Alexandria seja atribuída a Alexandre Magno, é com os Ptolomeus, designadamente com Ptolomeu I Sóter e Ptolomeu II Filadelfo, na viragem do século IV para o séc. III a.C., que a cidade se desenvolve particularmente, em dimensão, em população e em importância, instituindo-se como a primeira grande cidade cosmopolita do mundo antigo (cf. Sales 2003: 83-87).

A «Calçada dos Sete Estados» ou Heptaestado<sup>36</sup> era uma língua de terra, um pontão, com mais de um Km que ligava a ilha de Faros a Alexandria. O Heptaestado dividia os dois portos marítimos de Alexandria: a este, ficava o *Portus Magnus*, «Grande Porto», e a oeste o *Portus Eunostos*, «Porto do Feliz Regresso». Eça/Teodorico revela(m) conhecer, de facto, a geografia da cidade.

Embora tenha preferido grafar «Eunotos» em vez de «Eunostos» (cf. Queiroz 2004: 81, 136 e 144), não restam dúvidas de que o escritor se referia ao antigo porto ocidental da Alexandria lágida.<sup>37</sup> Tudo leva a crer também que a atribuição da construção a Ptolomeu I Sóter (305-285 a.C.) esteja correcta, uma vez que à morte de Alexandre as obras públicas na cidade não haviam avançado muito e que é realmente ao fundador da dinastia que se deve a maior parte delas, incluindo o Museu («templo das Musas») e a Biblioteca.

«Topsisius sobraçava a minha chapeleira, serrazinando coisas doutísimas sobre o antigo farol» (*ibidem*: 230). As «coisas doutísimas» que aparentemente D. Teodorico Raposo não reteve só poderiam ser que o lendário farol de Alexandria, feito de mármore, com os seus três andares e cerca de 135 metros de altura, fora um índice inequívoco da prosperidade económica-financeira da capital dos Ptolomeus e uma das sete maravilhas do mundo antigo, que a sua construção se iniciara em 280 a.C., durante o reinado de Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a.C.), o segundo faraó da Casa Real lágida, que só ficara concluído cerca de 33 anos depois, em 247 a.C. (cerca de um ano antes da morte do soberano), que autoria do projecto se atribuía ao arquitecto grego Sóstrato de Cnido.

O arguto Topsisius não teria, eventualmente, deixado passar, complementarmente, na sua «serrazina informativa», que o farol, no período greco-romano um símbolo da luz cultural projectada pela cidade de Alexandria («farol» intelectual do Helenismo), fora destruído, no século XIII ou XIV, por um terramoto. Talvez tenha mesmo conjecturado sobre a possibilidade de algumas das suas pedras terem tombado para a baía de Alexandria ..., junto à fortaleza que Qait-Bay, em 1480, construía nessa zona ...

5. Cleópatra VII Thea Filopator (69-30 a.C.), a última descendente da Casa Real ptolomaica a ocupar o trono do Egipto, foi, como muitos dos seus antecessores, muito sensível ao embelezamento e à construção de edifícios na capital. Não surpreende, pois, a menção queirosiana à «enseada

36. Um «estado» equivalia a 600 pés, ou seja, 177,6 m.

37. Sobre as grafias usadas por Eça, é também de registar que n' *A Reliquia* o escritor prefere grafar «Lagida» sem acento agudo.

de mármore onde ancoravam as galeras de Cleópatra» (*ibidem*: 81), edificação pública atribuída aos Lágidas que, delicadamente, Topsius queria mostrar a Teodorico.

No entanto, a figura de Cleópatra subjacente à narrativa de Eça foge um pouco à imagem que a historiografia actual dela traça. Ao comparar a lasciva Miss Mary a Cleópatra («a nossa simbólica Cleópatra»), Eça de Queirós reproduz a imagem que a lenda e o mito fixaram para uma das mais célebres figuras do final da antiga civilização egípcia.

Neste caso concreto, o conhecimento histórico alardeado não será muito rigoroso. Prevalece, sobretudo, a noção da mulher sedutora e fatal («É doloroso deixar os braços de Cleópatra ... Já António por eles perdeu Roma e o mundo ...», *ibidem*: 79),<sup>38</sup> quando, de facto, estamos perante uma governante que amava o Egipto e o seu povo e que tudo fez para conseguir mantê-los independentes de Roma e assim sobreviver politicamente no contexto geo-político-cultural do mundo mediterrânico de meados a final do século I a.C.

Hoje são particularmente mais relevados os argumentos de astúcia e de determinação política da rainha do Egipto nas suas relações amoroso-diplomático-políticas com Júlio César e Marco António do que propriamente a figura de meretriz de estonteante beleza que os cronistas e historiadores romanos de Octávio-Augusto tão bem quiseram e souberam delinear (cf. Chauveau 1998).

A Egiptologia moderna fez já o caminho do mito para a história, detectando as linhas de força que motivaram e sustentaram as elucubrações lendárias em torno de Cleópatra VII, desconstruindo, através do estudo de esculturas, bustos e moedas, precisamente essa ideia de bela mulher de encantos fatais que se tornou numa importante faceta da mítica Cleópatra e enfatizando, sobretudo, as suas estratégias de actuação política e ideológica. Entre idealização e realidade, Cleópatra não parece ter possuído uma beleza acima da média — aliás, talvez nem sequer se possa considerá-la bela —, mas desempenhou um papel histórico concreto muito significativo, de ambiciosa e autêntica líder (cf. Walker/Higgs 2001).

Situado num momento diferente do tempo, Eça de Queirós, como muitos outros romancistas e historiadores do seu tempo, deixou-se seduzir sobretudo pela ficção desenvolvida ao longo dos séculos em torno de Cleópatra como ícone da mulher irresistível e sexualmente insaciável. Em Eça têm mais eco os efeitos dos escritos de gregos e romanos (de Plutarco e Dião Cássio, nomeadamente) sobre a personalidade, conduta e objectivos da úl-

---

38. É uma clara alusão à Batalha de Áccio e às suas consequências pessoais para Marco António.

tima descendente de Lagos, também presentes e transmitidos, por exemplo, no teatro shakespeariano e nas pinturas setecentistas do hipotético suicídio da rainha egípcia, do que a perspicácia, inteligência e ponderação política da última rainha do Egipto independente que a moderna investigação tem vindo a revelar.

6. Em contraste, é muito interessante notar que Eça de Queirós justifica o interesse particular do doutíssimo Topsius nos Herodes e nos Lágidas por serem «duas turbulentas famílias» (*ibidem*: 69). De facto, durante muito tempo, os quinze Ptolomeus que se sucederam no trono do Egipto entre 305 a.C. (data da assunção da *basileia* por Ptolomeu I) e 30 a.C. (morte de Cleópatra VII) foram, na maior parte dos casos, bastante mal conhecidos e a sua obra muito menosprezada.

Seria, justamente, o final do séc. XIX a começar a iluminar as realizações destes faraós. Seriam, no fundo, os «colegas oficiais» de Topsius a procederem à reabilitação histórica daquela que foi a dinastia responsável, entre outros aspectos, pelos últimos monumentos faraónicos que nos chegaram, alguns deles ainda hoje considerados autênticas obras-primas da grandeza egípcia e visitados anualmente por milhões de turistas.

O período dos Lágidas constituiu, aliás, um momento paradoxal da história do Egipto antigo, na medida em que foi pelas mãos dessa dinastia geneticamente estrangeira (nas tradições, língua, religião e cultura) que o país conheceu uma considerável prosperidade económica, um significativo poder político-militar e uma intensa actividade intelectual e artística e entrou definitivamente no mundo e na cultura mediterrânica.

Depois dos trabalhos iniciais de historiadores-egiptólogos do final do séc. XIX/início do séc. XX, como Mahaffy (1895), Strack (1897), Bouché-Leclercq (1903-1907), Bevan (1927) e Jouguet (1933),<sup>39</sup> a história dos Lágidas ou Ptolomeus começou a sair do anonimato e foi paulatinamente perdendo o estigma de vidas tumultuosas e dissolutas, de ambições desmedidas e desenfreadas, de intrigas palacianas, de traições, de fratricídios e de crimes que inibiam o seu verdadeiro estudo científico. Razão tinha Topsius em querer assenhorar-se de tal história ...

7. Segundo Teodorico, o estudioso alemão falava-lhes, a ele e à Maricocas, das grandes festas da antiga Alexandria:

Contava-nos as tardes de festa da velha Alexandria dos Ptolomeus, no canal que levava a Canopia: ambas as margens resplandeciam de

---

39. Vide os títulos específicos destes autores na bibliografia.

palácios e de jardins; as barcas, com toldos de seda, vogavam ao som dos alaúdes; os sacerdotes de Osíris, cobertos de peles de leopardo, dançavam sob os laranjais; e nos terraços, abrindo os véus, as damas de Alexandria bebiam à Vénus Assíria, pelo cálice da flor de lótus. Uma voluptuosidade esparsa amolecia as almas (Queiroz 2004: 75).

De facto, entre as grandes manifestações religiosas que se desenrolavam em Alexandria, as festas dinásticas eram extraordinariamente faustosas. Compreendiam sacrifícios (*thysia*), oferendas e procissões (*pompe*), a par de concursos (*agôn*) atléticos (gímnicos e/ou hípicas), poéticos e musicais e grandes banquetes (*hestiasis*) onde a bebida corria abundantemente (cf. Ballet 1999: 161).

Nestes importantes momentos da vida pública alexandrina, além da população (os destinatários sociológicos da festa) e do rei (o promotor e organizador), participavam os magistrados da cidade, os soldados, os grupos de actores, o clero helénico e os sacerdotes egípcios, estes últimos representados na descrição queirosiana pelos «sacerdotes de Osíris», apropriadamente, como sacerdotes que eram, trajados com vestes feitas de pele de leopardo. A elite clerical de Mênfis associada ao culto de Ptah e de Osíris manteve sempre ao longo dos cerca de 300 anos de dominação ptolomaica uma excelente relação com a administração central sediada em Alexandria, participando regularmente em sínodos, em conselhos administrativos e, naturalmente, nas festividades religiosas da capital.

Entre as festas dinásticas da Alexandria ptolomaica destacam-se as *Basileia* – instituídas em honra de Zeus Basileus e destinadas a celebrar a glória da dinastia e dos soberanos divinizados da Casa Real lágida –, as *Ptolemaia* ou *Pentaetéris* – celebradas, de quatro em quatro anos, a partir de 278-277, por instauração de Ptolomeu II Filadelfo, em honra de seu pai, Ptolomeu I Sóter divinizado, o fundador histórico da dinastia<sup>40</sup> – e as *Theadelfeia* – festa destinada a cultuar o casal real de irmãos Ptolomeu II Filadelfo e Arsínoe II Filadelfo, os *Theoi Adelphoi*, «os deuses irmão e irmã» (cf. Ballet 1999: 161-162; cf. Sales 2005: 195-212).

Além das festas dinásticas propriamente ditas, Alexandria ficou célebre pelos seus festivais dionisiacos, com os seus famosos cortejos, susceptíveis de reunirem na cidade cosmopolita multidões de fiéis oriundos de todos

40. Foi no decurso desta festa de 271-270 a.C. que se desenrolou a célebre *Pompe*, «procissão», descrita por Calixeno de Rodes e transmitida por Ateneu de Naucrátis, em que se erigiu para esta celebração um pavilhão de madeira sumptuosamente decorado para reunir os convidados de honra do banquete. Comemorava-se também na ocasião a vitória de Ptolomeu II sobre Antíoco I da Síria, ou seja, a vitória lágida na I Guerra Síria (cf. Ballet 1999: 162; Dunand 1981: 13; Rice 1983; Wikander 1992 e Walbank 1996).

os quadrantes geográficos, especialmente do Mediterrâneo centro-oriental. Os próprios reis ptolomaicos favoreceram este culto. Aliás, um dos Ptolomeus, Ptolomeu IV Filopator (221-205 a.C.), era conhecido como *Gallos*, que pode ser traduzido como «(tatuado) de Dioniso». É admitido que esta alcunha pode ter sido conferida ao rei como presidente do *thiaso* dionisiaco, o que significava que tinha recebido inclusivamente uma tatuagem da flor de hera, símbolo floral associado ao deus helénico (cf. *ibidem*: 212, 217).

Ao abordarmos a festa em Alexandria não podemos olvidar os grandes banquetes da confraria de «vida inimitável» (*amimetobion*) de que faziam parte a rainha Cleópatra e Marco António, bem como a elite social e intelectual da cidade, nem a grande celebração política do Outono de 34 a.C., em que Marco António celebrou em Alexandria, para total estupefacção dos senadores romanos, o seu triunfo militar na Arménia.<sup>41</sup>

Cleópatra e Marco António e os seus amigos alexandrinos viviam obcecados pelo prazer, pela diversão e pela bebida. As suas festanças, a que Plutarco alude, tornaram-se famosas na capital ptolomaica e contribuíram directamente para a progressiva perda de credibilidade do general romano e para a posterior pejorativa construção mítica da figura de Cleópatra que a propaganda anti-egípcia de Roma bem aproveitou.

O triunfo militar de Marco António, mais perto de um cortejo dionisiaco (Marco António considerava-se o «Novo Dioniso», *Neos Dioniso*, ao passo que Cleópatra era a *Nea Isis*, «Nova Ísis») do que de uma celebração romana, culminou com a famosa cerimónia das «Doações de Alexandria». Marco António, naturalmente à revelia do Senado romano, atribuiu territórios romanos aos seus filhos carnais com Cleópatra: Ptolomeu Filadelfo, o mais novo (com 2 anos), foi coroado rei da Fenícia, da Cilícia e da Síria (os países aquém-Eufrates); Alexandre Hélio, com 6 anos, foi feito rei da Arménia, da Média e dos futuros territórios ainda por conquistar aos Partos (os países além-Eufrates); Cleópatra Selene, irmã gémea de Alexandre Hélio, tornou-se rainha da Cirenaica e de Creta. O filho de Cleópatra com Júlio César, Ptolomeu Cesarião, era feito «rei dos reis», enquanto sua mãe era proclamada «rainha dos reis», recebendo o Egipto, Chipre, a Líbia e a Coelesíria, ou seja, *grosso modo*, as antigas possessões dos Lágidas (cf. Chauveau 1997: 34-37).<sup>42</sup>

41. De facto, até então, nunca nenhum triunfo romano fora celebrado fora da Via Ápia, em Roma, como a tradição consignava. O triunfo pertencia a Roma. Ao preferir Alexandria a Roma, Marco António não só feria a susceptibilidade da aristocracia romana como, simbolicamente, instituiu Alexandria na «nova Roma».

42. As moedas cunhadas em 34 a.C. denotam a mesma propaganda das «Doações»: o busto de Cleópatra VII, diademado, é rodeado pela altissonante inscrição *Cleopatre*

A encenação das «Doações» foi completa: sentados em tronos, os príncipes envergavam trajes típicos dos povos sob a sua alegada dominação ou evocativos da sua origem. Alexandre Hélio usava os hábitos medos (túnica de mangas compridas, calças entufadas e manto pregueado) e cingia a tiara pontiaguda chamada *citaris*, ostentada pelos reis medos e arménios. Ptolomeu Filadelfo, por sua vez, apareceu com as vestes reais dos Macedónios: o chapéu tradicional, a *kausia*, em redor do qual se atara o diadema real (*kausia diadématophoros*), a clâmide e as *krepides*, botas militares com atacadores. Vestida à egípcia, Cleópatra VII apresentava-se como a deusa Ísis: longa túnica de franjas atada entre os seios (nó isíaco) e pesado toucado típico da deusa sobre a sua cabeleira. A *Thea Filopator*, «deusa que ama o pai» (título usado desde 51 a.C.) podia agora ser apropriadamente encarada como *Nea Isis*, «Nova Ísis», e *Thea Neotera*, «deusa renovada» (as novas epicleses com que se denominava a partir de 34 a.C.).<sup>43</sup>

Esta festa de Alexandria destruiu por completo os laços de amizade e de aliança política de Marco António com Octávio e, após obter uma declaração de guerra do Senado romano, o futuro imperador dos romanos avançou para o embate de Áccio. O seu alvo passou a ser Marco António, o tribuno e herdeiro político de César, a quem havia sido conferida a parte oriental do espaço dominado pelos Romanos, com a missão de terminar a guerra contra os Partos, e que agora, com a sua aliança com Cleópatra e com os seus deslocados festejos em Alexandria, se tornara num inimigo de Roma.

Topsius/Eça de Queirós conhecia a importante faceta festiva da antiga Alexandria («as tardes de festa da velha Alexandria dos Ptolomeus») e, pela boca de Topsius, deu dela eloquente testemunho. Mal sabia Eça/ o sábio alemão interessado na história da dinastia ptolomaica que a monarquia lágida se tornara uma autêntica «monarquia-espectáculo» e que as grandiosas cerimónias reais públicas com toda a encenação inerente tocavam a imaginação popular e proclamavam uma magnificência frequentemente ilusória e artificial.

---

*Reginæ Regum Filiorum Regum* («Cleópatra, rainha dos reis e de seus filhos que são reis»); Marco António, com a inscrição *Antoni Armenia devicta* («António, a Arménia foi vencida»), comemora a sua vitória sobre Artavasdes, cuja tiara, qual troféu, surge no campo atrás do busto do *autokrator*.

43. Plutarco escreve mesmo que «desde então [procissão cerimonial de 34 a.C.], Cleópatra não aparecia em público sem ser vista com as roupagens consagradas a Ísis e dava as suas audiências ao povo sob o nome de 'Nova Ísis'» (Plutarco, *Vida de António*).

8. Ao contrário do que surgirá em *O Egípto. Notas de viagem*, onde dedica longas passagens descritivas ao planalto de Guiza, com as suas pirâmides e Grande Esfinge (cf. Queirós s.d.: 233-241), n' *A Relíquia* Eça de Queirós é extraordinariamente parco em relação à Esfinge: «[...] a terna Esfinge, deitada à porta do deserto, sorrindo da Humanidade vã» (Queiroz 2004: 74). Nas *Notas de viagem* registará: «A Esfinge, sentinela implacável, olha para o lado do Nilo» (Queirós s.d.: 238).

A Grande Esfinge de Guiza, cujo rosto representa o faraó Khafré, da IV dinastia (o construtor da segunda pirâmide do planalto),<sup>44</sup> é uma estátua talhada num esporão rochoso, impressionante pelas suas dimensões (73 m de comprimento x 20 m de altura x 14 m de largura) e pelo fascínio e mistério que sempre provocou ao longo dos tempos, apesar dos saís de pedra e da poluição que a têm corroído e dos muitos restauros a que tem sido submetida (o último dos quais terminou em 1998). É a maior de todas as esfinges egípcias e uma das mais antigas, apesar de nos parecer bastante agradável, «terna» mesmo.

Voltada para leste («para o Nilo», como Eça menciona), a Esfinge representa um guardião («uma sentinela») da necrópole de Guiza, que os raios solares matinais vêm iluminar todos os dias. No Império Novo, a Grande Esfinge de Guiza foi associada ao deus Horemakhet, «Hórus do horizonte». Como estátua, a Esfinge transmite a ideia feita imagem de um soberano-deus dominador e poderoso, aliando a inteligência humana à força bruta animal, que protege o cemitério real atrás de si. A ideia de força ameaçadora e assustadora ficou de tal forma arraigada à Esfinge de Guiza que, em árabe, é designada como *Abu el-Hol*, ou seja, «Pai do terror».

Este tipo de representação fantástica com corpo animal (leão) e feições antropomorfas, embora noutra escala, continuará a ser elaborada até ao final da civilização egípcia e constitui, ainda hoje, um emblema inconfundível da arte egípcia, em sentido restrito, e do Egípto, em sentido mais lato.

9. Quando procede ao elogio da distinta ascendência de Topsius, Eça de Queirós atribui ao «decrépito» tio Topsius a autoria de uma obra intitulada «Síntese Monoteísta da Teologia Egípcia, considerada nas Relações do Deus Phtah e do Deus Imhotep com as tríades dos Nomos» (Queiroz 2004: 70).

---

44. Há, porém, quem defenda (por exemplo, o egiptólogo Vassil Dobrev) que o faraó que serviu de modelo à Grande Esfinge foi Khufu, o faraó construtor da Grande Pirâmide, e que teria sido o seu filho Djedefré o responsável pela realização da gigantesca escultura (cf. Bourdial/Zaïd 2005: 40-59). Ver também Malheiro 2006: 17-48 (sobretudo, 38-40).

Este fictício título da obra do alemão deixa perpassar o destaque à temática religiosa e mitológica no âmbito da antiga civilização egípcia e a atenção conferida a duas das suas divindades: o deus Ptah (grafado por Eça a partir da sua forma grecizada, Phtah, onde se incorpora o dígrafo «ph» do grego *φ*, ϑ) e o deus Imhotep.

O título inventado para a obra do velho Topsius parece ser construído a partir de ideias contraditórias e paradoxais: o monoteísmo de uma teologia em que existem tríades regionais e locais que se relacionam com outros deuses (aqui apenas Ptah e Imhotep). Esta busca da ideia explicativa e unificadora das múltiplas deidades egípcias é uma preocupação que percorreu o final do séc. XIX e que chegou até aos nossos dias. A obra de Erik Hornung, publicada pela Wissenschaftliche Buchgesellschaft, em 1971, apenas para referir um caso suficientemente conhecido, é disso um exemplo representativo com o título *Der Eine und Die Vielen (O Uno e o Múltiplo)*.

O deus Ptah, divindade principal de Mênfis, cidade-capital do Egipto faraónico durante o Império Antigo (mais ou menos desde 2700 até 2200 a.C, ou seja, durante cerca de 500 anos), habitualmente representado mumiforme, de cabeça rapada ou com uma justa cobertura de cabeça, barba pontiaguda, colar *menat* ao pescoço e um ceptro composto *uas-djed-ankh* nas mãos, era uma antiquíssima divindade do panteão egípcio (cf. Sales 1999: 274).

Em Mênfis, capital do 1º *nomos* (província ou circunscrição administrativa) do Baixo Egipto, Ptah era o deus demiurgo (criara o universo através do poder criador da palavra), sendo o elemento masculino-marido da tríade local, que integrava a deusa esposa-mãe Sekhmet e o deus-criança Nefertum.

Entre os muitos epítetos por que ficou conhecido, a maioria atribuídos pelos seus sacerdotes-teólogos, constavam os de «escultor dos escultores» e «oleiro dos oleiros». Os teólogos menfitas chamavam-no também de «Senhor da Verdade e da Justiça», o que fazia dele, na sua concepção, um deus da História e dos destinos dos homens e dos outros deuses.

Ptah era também o deus da Sabedoria e do Conhecimento, o Fundidor dos metais e o Grande Construtor, inventor da Técnica e Artífice Divino, sendo, por isso, encarado como o patrono dos artistas, das artes e dos ofícios (*ibidem*: 281).

Estas noções faziam já parte dos caracteres que Eça captou nas suas «leituras egiptológicas» e que colocou, de forma explícita e resumida, na boca do sapientíssimo Topsius à vista de Alexandria: «E que me seja em ti propício o teu deus Phtah, deus das letras, deus da História, inspirador da obra de Arte e da obra de Verdade!» (Queiroz 2004: 68).

A referência ao «Deus Imhotep» é igualmente muito significativa e curiosa. Imhotep foi, historicamente, um sacerdote do deus-solar Ré no III milénio a.C., *tjati*-vizir do faraó da III dinastia (séc. XXVII a.C.) Netjerirkhet Djoser, Superintendente de Todos os Trabalhos do Rei, para o qual concebeu, na sua condição de arquitecto, o complexo funerário de Sakara, com a célebre pirâmide escalonada.

Esta pirâmide de degraus (túmulo do faraó Djoser), construído, em várias fases, através do processo de sobreposição de seis mastabas, em que a de cima é sempre inferior à de baixo, deu-lhe fama de extraordinário arquitecto e mestre-de-obras logo na Antiguidade.<sup>45</sup> Os seus dotes de astrónomo, escriba, sacerdote e médico ampliaram-lhe de tal maneira o prestígio que, na Época Baixa (séculos VI a IV a.C.), foi divinizado, sendo adorado como deus da Arquitectura e da Medicina.

O seu culto difundiu-se um pouco por todo o Egipto, mas os seus devotos deslocavam-se em peregrinação, sobretudo, a Sakara, onde o grande sábio fora enterrado (embora a exacta localização do seu túmulo ainda permaneça desconhecida), deixando-lhe aí numerosas oferendas votivas (por exemplo, íbis mumificados). No período greco-romano (séculos IV a.C. – I d.C.), a veneração de Imhotep fixou-se definitivamente

É, pois, ao divinizado arquitecto-astrónomo-médico que Topsisius/Eça de Queirós se refere(m) e não ao homem histórico do Império Antigo. O «solo venerável, quase mitológico» (Queirós s.d.: 41) do Egipto que tanto atraiu o jovem escritor português motiva as suas opções no exercício pontual de referência ao panteão egípcio.

As alusões n' *A Relíquia* aos deuses do panteão egípcio não se esgotam aqui: há ainda referências a Osíris,<sup>46</sup> Ísis,<sup>47</sup> Ápis<sup>48</sup> e Amon.<sup>49</sup> Os dois exemplos destacados (Ptah e Imhotep) são, em nossa opinião, suficientes para demonstrar o conhecimento/informação do romancista português acerca

45. A pirâmide de Djoser, em Sakara, tinha uma base de 140 m por 118 para uma altura de 60 m, o que fez dela, na altura da sua construção, a maior estrutura de pedra alguma vez erigida. A principal inovação técnica que revelou foi, justamente, a substituição do adobe pela pedra, instituindo, assim, um modelo de construção no material da eternidade (a pedra) que os faraós nunca mais abandonaram nas suas edificações templárias e funerárias.

46. «Os sacerdotes de Osíris, cobertos com peles de leopardo» (Queiroz 2004: 75); «Osíris, com os cornos de boi, montava Ísis» (*ibidem*: 84); «As pandeiretas sagradas do tempo de Osíris» (*ibidem*: 96-97). Vide os comentários de Araújo (1988: 93).

47. «Osíris, com os cornos de boi, montava Ísis» (Queiroz 2004: 84). Vide também Araújo (1988: 93).

48. «[sacerdotes ] que descendem dos que outrora em Mênfis adoravam o boi Ápis» (Queiroz 2004: 95).

49. «Ammon, rei dos deuses» (*ibidem*: 227)

da religião do antigo Egipto, resultado das leituras preparatórias que fez para a sua viagem ao Egipto e/ou para construção da narrativa de viagens do Raposo.

10. Independentemente da fina ironia crítica que Eça pode ter colocado no número de artigos e na questão que escolheu para o jovem Topsius publicar no «*Boletim Hebdomanário de Escavações Históricas*», há uma enorme plausibilidade histórica adjacente a essa menção.

O «rei Pi-Sibkmé» (Queiroz 2004: 70) é colocado cronologicamente na XXI dinastia egípcia e espacialmente na cidade de Tânis. Ora, a bizarra forma «Pi-Sibkmé» poderá ser a grafia adulterada do rei Psusennes I (em egípcio, Pasebakhaenniut I), faraó que reinou, de facto, na XXI dinastia (1045-994 a.C.), no chamado III Período Intermediário da cronologia histórica egípcia (cf. Araújo 1988: 134, nota 1).

A referência à «parede de tijolo» (Queiroz 2004: 70) erguido por este faraó «em torno do templo de Ramsés II» (*ibidem*), questão que o jovem Topsius, aos 22 anos, teria solucionado brilhantemente, deve ter resultado de alguma leitura feita por Eça de Queirós e é provável que se trate da que envolve o grande templo de Amon, na cidade Tânis (actual San el-Hagar), no Delta oriental (cf. Araújo 1988: 134, nota 1).

Só a investigação arqueológica posterior à época de Eça permitiria compreender que, apesar de ser o nome de Ramsés II que surgia nesses vestígios líticos, o templo dedicado a Amon não fora por ele erigido. Não se tratava de uma edificação do seu reinado, mas sim de soberanos anteriores, cujos nomes vieram a ser substituídos, numa prática habitual e atestada noutros locais, pelo «usurpador» da XIX dinastia (*ibidem*).

Caberia ao egiptólogo francês Pierre Montet (1885-1966), com apenas dois anos quando *A Relíquia* foi publicada em livro, a descoberta em Tânis, entre 1939 e 1946, dos túmulos reais de alguns faraós das XXI e XXII dinastias, entre os quais o do faraó Psusennes I (18 de Março de 1939), cuja máscara funerária de ouro, semelhante à célebre máscara de Tutankhamon, se encontra hoje entre os mais belos artefactos de joalheria egípcia (cf. Reeves 2000: 189-193).<sup>50</sup>

50. Exposta na Sala 2 do 1º andar do Museu Egípcio do Cairo, a sala dedicada aos tesouros de Tânis, com o número de entrada 85913, a máscara tem 48 cm de altura por 38 cm de largura. Trata-se de um retrato idealizado de Psusennes I feito em folha de ouro. O toucado *nemes*, a serpente-*uraeus*, o colar *usekh* e a barba postiça do faraó, entrançada e ligeiramente recurvada para a frente, foram finamente cinzelados. Os olhos são incrustados em pasta de vidro (branca para o globo ocular e negro para a pupila), bem como as sobrancelhas e a tira colocada no rosto para imitar a verdadeira que segurava a barba.

Isto significa que, atento a algumas produções egiptológicas do seu tempo, Eça de Queirós valorizou uma problemática relacionada com Tânis e com a XXI dinastia, que cerca de 50 anos depois se tornaria num momento e num local maior da arqueologia egípcia. As descobertas dos túmulos intactos de Tânis foram o maior acontecimento arqueológico posterior à descoberta do túmulo inviolado de Tutankhamon, em Novembro de 1922, por Howard Carter, e do túmulo intacto da rainha Hetepheres, por George Reisner, em 1925.

### Conclusão

Sob o signo da viagem ao Oriente, *A Relíquia* de Eça de Queirós assenta, portanto, desde logo, no relacionamento luso-alemão de Teodorico e Topsisius. A construção do romance estipula as relações luso-alemãs como ponto prévio essencial a todo o posterior desenvolvimento. De um lado, perfila-se um eloquente universitário, sagaz e facundo, divulgador cultural de destacada influência e consolidados méritos, último rebento de uma brilhante casta; de outro, um burguês ambicioso, de medíocre intelecto e imoral conduta, conduzido pelo orgulho das origens aristocráticas, mas envergonhado pelo espectro do ridículo.

A obra surge, pois, no desenho narrativo traçado por Eça de Queirós, como uma intimidação do português ao alemão ou, se quisermos, um confronto entre a Ciência e a Razão e o quotidiano, um quotidiano feito simultaneamente de crença, de Fé, de realidade e de farsa. De facto, como o próprio Eça escreveu no Prólogo pelo punho de Teodorico, «a realidade sempre vive, ora embaraçada e tropeçando nas pesadas roupagens da História, ora mais livre e saltando sob a careca vistosa da Farsa!» (Queiroz 2004: 9).<sup>51</sup>

No meio do ambiente geral medíocre, irreal, fantasista e quase caricatural, a tendência para o exotismo oriental e o encanto pelas antigas civilizações que *A Relíquia* deixa transparecer resultam da atitude intelectual europeia e da concepção queirosiana que privilegia a sensibilidade e o requinte sensorial e prefere o pitoresco delicioso, jocoso e lírico (cf. Mendes 1983: 27-28).<sup>52</sup> O registo impressionista dos ambientes e das reconstituições históricas (segundo alguns, bebido em Flaubert – Saraiva/Lopes 1989: 927-

51. O lema d'*A Relíquia* é justamente «Sobre a nudez forte da Verdade, o manto diáfano da Fantasia».

52. «É ainda o requinte sensorial que Eça procura na paisagem exótica do Oriente, que sempre sobre ele exerceu tão grande atracção. O luxo dos ambientes orientais era bem o clima de lânguido repouso para aquela sensibilidade nostálgica dos paraísos que a imaginação architecta» (Mendes 1983: 33).

928; Lima 1993a: 429-434; Lima 1992: 19-33) é muito bem conseguido, por exemplo, nos «retratos» de Alexandria.

É óbvio que há aqui uma nítida influência dos itinerários orientais do próprio Eça. A viagem ao Oriente em 1869, para assistir, com D. Luís de Castro Pamplona, o conde de Resende (cf. Araújo 2002: 9),<sup>53</sup> à inauguração do canal de Suez, ocorreu numa fase decisiva da evolução mental de Eça e deixou impressões visíveis na sua criação literária em *O Egipto. Notas de viagem* (1926), em *Folhas Soltas* (1966), ambas, portanto, publicadas postumamente,<sup>54</sup> n' *O Mandarim* e n' *A Reliquia* (cf. Saraiva/Lopes 1989: 937).<sup>55</sup>

O Oriente mítico e romântico captou-o e integrou-o literariamente no orientalismo em voga na Europa do seu tempo. A própria ideia da narrativa de viagens que praticou, como viajante e como autor responsável pela criação das suas personagens e do seu material diegético, é outro vector da sua integração no reduto do «discurso orientalista» ou da orientação estético-literária do orientalismo.

Os diálogos entre Teodorico e Topsius são, como o estilo de Eça perfilhava, naturais, vivos, bastante espirituosos e assentes num franco confronto-complemento psicológico e atitudinal. Aliás, é sabido como Eça de Queirós valorizava o bom gosto da convivência e as boas maneiras, o clima aristocrático da conversa cintilante e pertinente e a situação hilariante dos ditos bem achados (cf. Mendes 1983: 33).

Independentemente de alguma distorção fantasista das duas figuras, resultado do pendor fantástico inerente a toda a narrativa (recordemos, outra vez, que o lema d' *A Reliquia* é «Sobre a nudez forte da Verdade, o manto diáfano da Fantasia»), a dicotomia-complemento luso-alemã Teodorico-

53. Eça de Queirós viria a casar, em 1886, no Porto (Quinta de Santo Ovídio), com D. Maria Emília de Castro Pamplona, irmã do 5º conde de Resende, entretanto já falecido (1876).

54. Logo em 1870, no seu regresso a Lisboa, Eça publicaria os relatos da sua viagem pelo Egipto no *Diário de Notícias*, em 4 folhetins (18 a 21 de Janeiro), então sob o título «De Port-Said a Suez». Nesses textos não se refere, porém, a Alexandria; descreve as festividades da inauguração do canal de Suez, os trabalhos referentes à abertura e as cidades de Port-Said e Ismailia. Os apontamentos que tirou, quando tinha 23 anos, seriam depois usados pelos seus filhos José Maria e Alberto para a publicação de *O Egipto. Notas de viagem*. Nas *Folhas Soltas* (nome completo *Folhas Soltas, Palestina, Alta Síria, Sir Galahad*) constam os seus apontamentos referentes à Palestina e à Alta Síria, que a sua filha, Maria Eça de Queirós, utilizaria para a publicação póstuma.

55. Além das obras ficcionais citadas, há muitos outros trabalhos queirosianos onde se verificam alusões ou passagens de inspiração orientalista, como sejam *A Correspondência de Fradique Mendes*, *Notas Contemporâneas*, *Os Maias* e *Lendas de Santos* (cf. Lima 1993: 337; Araújo 1988: 219). Vide também Lima s.d.

Topsisius funciona como eixo motriz e sustentador da acção e das próprias peripécias da «peregrinação» de ambos por terras do Oriente.

A sociabilidade e a comunicabilidade luso-alemãs, com as referidas tonalidades de hipocrisia beata ou de superioridade intelectual, derivam de uma construção literário-mental simplista que coloca de um lado «o ilustre lusitano» Teodorico, turista pseudo-erudito, algo enjoado e distraído, como paradigma da animalidade e da futilidade, e de outro o «sapientíssimo» Topsisius, qual expressão da erudição e da sabedoria. O exercício pedagógico-social assim esboçado revela-se muito eficaz.

Ao autopsiar as relações luso-alemãs n' *A Relíquia*, Eça de Queirós transmite clara e objectivamente, embora sob roupagens fantasistas, toda uma cosmovisão cultural e psicológica, em que portugueses e alemães se encontram, aparentemente, nos antípodas.

No seu romance, Eça mostra, simultaneamente, como considera a Alemanha entre as nações pensantes da Europa, a par da Inglaterra e da França, e como prefere objectivamente estas duas, em particular a última (cf. Sousa 1993: 528).

Podemos afirmar que o modelo de construção das personagens Teodorico-Topsisius n' *A Relíquia* obedece, por um lado, ao apreço e ao reconhecimento do profundo saber do alemão, mas, por outro, à rejeição da sua erudição entediante, apostada no esclarecimento exaustivo e pormenorizado de todas as problemáticas.

Segundo o enredo literário estabelecido, neste padrão interferem a hereditariedade e as características psicológicas de ambos os personagens, um mais dado às coisas do espírito e conduzido por um método racional, disciplinado, de abordagem e tratamento das questões; outro claramente voltado para os dados experimentais e experienciais, para o empírico, para o casuístico, para o desregrado. Aquele falando do alto do seu «saber germânico» (Queiroz 2004: 120), este usando o seu «navalhão sevilhano» (*ibidem*).

Não obstante as diferenças, os dois camaradas de viagem acabaram por se entender relativamente bem. Teodorico chama-lhe, afectuosamente, «meu catita» (*ibidem*: 119), «amiguinho» (*ibidem*: 119 e 219), «meu amigo Topsisius» (*ibidem*: 236), «meu amigo alemão» (*ibidem*: 237) e «o meu amigo, o lente» (*ibidem*: 244). E o homem que a Alemanha escutava em questões de crítica arqueológica reconhece, com toda a sinceridade: «□ D. Raposo, nós temos sido bons amigos ...» (*ibidem*: 119). O «adeus, companheiro, adeus» (*ibidem*: 231) com que Teodorico se despede do seu amigo alemão é selado por um mútuo beijo de amizade: «e beijámo-nos na face como dois irmãos» (*ibidem*).

Pela dimensão cultural subjacente à formação do escritor Eça de Queirós, a dupla vertente que os personagens encarnam é fruto da tendência depreciativa que marcou a mentalidade francesa, a partir de 1870, em relação a tudo o que era alemão. Neste sentido, o material d'*A Relíquia* é, em nossa opinião, um precioso testemunho dos encontros e desencontros culturais associados ao relacionamento luso-alemão nas três últimas décadas do séc. XIX.

### **Bibliografia**

- Araújo, Luís Manuel de (1988), *Eça de Queirós e o Egipto faraónico*. Lisboa: Editorial Comunicação.
- Araújo, Luís Manuel de (2002), *Imagens do Egipto queirosiano. Recordações da jornada oriental de Eça de Queirós e o Conde de Resende em 1869*. Vila Nova de Gaia: Solar Condes de Resende.
- Ballet, Pascale (1999), *La vie quotidienne à Alexandrie. 331-30 avant J.-C.*. Paris: Hachette.
- Bernand, André (1995), *Alexandrie des Ptolémées*. Paris: CNRS.
- Bernand, André (1996), *Alexandrie la grande*. Paris: Hachette.
- Bevan, Edwin R. (1927), *The House of ptolemy. A History of Hellenistic Egypt under the Ptolemies Dynasty*, Londres: Methuen Publishing.
- Bouché-Leclercq, Auguste (1903-1907), *Histoire des Lagides*, 4 vols., Paris: E. Leroux.
- Bourdial, Isabelle/Zaïd, Nasser (2005), «Sphinx. Son vrai visage dévoilé», *Science & Vie*, nº 1050, Mars (pp. 40-59).
- Bret, Patrice (1998), *L'Égypte au temps de l'expédition de Bonaparte (1798-1801)*. Paris: Hachette.
- Carvalho, Paula Ochôa (1993), «Cronologia». In: Matos, A. Campos (org. e coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2ª ed. rev. e aum., Lisboa: Editorial Caminho (pp. 23-25).
- Carvalho, Paula Ochôa (1993a), «Resende, condes de» in Matos, A. Campos (org. e coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2ª ed. rev. e aum., Lisboa: Editorial Caminho (pp. 839-840).
- Chauveau, Michel (1997), *L'Égypte au temps de Cléopâtre. 180-30 av. J.-C.*, Paris: Hachette (trad. port.: *A vida quotidiana do Egipto no tempo de Cleópatra. 180-30 a.C.*, Lisboa: Livros do Brasil 2000).
- Chauveau, Michel (1998), *Cléopâtre au-delà du mythe*. Paris: Liana Levi.
- Dawson, Warren R./Uphill, Eric P. (1972), *Who was who in Egyptology*. Londres: The Egypt Exploration Society.
- Dunand, Françoise (1981), «Fête et propagande à Alexandrie sous les Lagides». In: *La fête, pratique et discours. D'Alexandrie Hellénistique à la mission*

- de Besançon, Centre de Recherches d'Histoire Ancienne 42, Annales littéraires de l'Université de Besançon, Paris (pp. 13-40).
- Favard-Meeks, Christine (1989), «Le Delta égyptien et la mer jusqu' à la fondation d'Alexandrie». In: *Studien zur Altägyptischen Kultur*, Hamburg: Helmut Buske Verlag (pp. 39-63).
- Flaubert, Gustave (1991 [1881]), *Voyage en Égypte*. Édition intégrale du manuscrit original établie et présentée par Pierre-Marc de Biasi. Paris: Bernard Grasset.
- Fraser, P.M. (1972), *Ptolemaic Alexandria*. Oxford: Clarendon Press.
- Gautier, Théophile (1980), *O romance da múmia. Uma história de amor no Antigo Egipto* (trad. e adapt. de Luís Manuel de Araújo). Lisboa: Plátano Editora.
- Gómez Espelósín, Javier (1997), «Alejandria, la ciudad de las maravillas». In: *Ciudades del mundo antiguo*. Madrid: Ediciones Clásica (pp. 63-81).
- Guerra da Cal, Ernesto (1971), *A Relíquia. Romance picaresco e cervantesco*. Lisboa: Editorial Grémio Literário.
- Jouguet, Pierre (1933), «L'Égypte ptolémaïque (323-30 avant Jésus-Christ)». In: G. Hanotaux (ed.), *Histoire de la nation égyptienne*, III, Paris: Librairie Plon.
- Lima, Isabel Pires (1992), «L'imaginaire oriental chez Flaubert et Eça de Queirós: le voyage en Égypte», *Intercâmbio 2*. Porto: Instituto de Estudos da Universidade do Porto (pp. 19-33).
- Lima, Isabel Pires (1992a), «O Oriente literário entre dois séculos» in *Cadmo 13. Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa*. Lisboa: Instituto Oriental (pp. 129-146).
- Lima, Isabel Pires (1993), «Eça e o Oriente». In: A. Campos Matos, (org. e coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed. rev. e aum., Lisboa: Editorial Caminho (p. 337).
- Lima, Isabel Pires (1993a), «Flaubert e Eça (viajantes no Oriente)». In: A. Campos Matos, (org. e coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed. rev. e aum., Lisboa: Editorial Caminho (pp. 429- 434).
- Lima, Isabel Pires (s.d.), «Os Orientes de Eça de Queirós». In: *SemeaR 1*, Revista da Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro ([http://www.letas.puc-rio.br/Catedra/revista/1Sem\\_06.html](http://www.letas.puc-rio.br/Catedra/revista/1Sem_06.html); 7 de Fevereiro de 2007).
- Lind Georg Rudolf (1993), «Alemanha». In: A. Campos Matos, (org. e coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed. rev. e aum., Lisboa: Editorial Caminho, (pp. 51-60).
- Lopes, Óscar (1994), «O narrador d'A Relíquia». In: *A busca de sentido. Questões de literatura portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho (pp. 67-86).
- Mahaffy, John Pentland (1895), *The Empire of the Ptolemies*. Londres: Macmillan.

- Malheiro, Pedro de Abreu (2006), «A Esfinge de Guiza. Indagação do seu significado e função no contexto do Império Antigo», *ARTIS – Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*, nº 5 (pp. 17-48).
- Matos, A. Campos (1993), «Flaubert, Gustave». In: Matos, A. Campos (org. e coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed. rev. e aum., Lisboa: Editorial Caminho (pp. 427-429).
- Matos, A. Campos (1993a), «Raposo, Teodorico». In: Matos, A. Campos (org. e coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed. rev. e aum., Lisboa: Editorial Caminho (pp. 809-810).
- Matos, A. Campos (1993b), «(A) Relíquia». In: Matos, A. Campos (org. e coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed. rev. e aum., Lisboa: Editorial Caminho (pp. 829-832).
- Matos, A. Campos (1993c), «Teodoro». In: Matos, A. Campos (org. e coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed. rev. e aum., Lisboa: Editorial Caminho (pp. 892-893).
- Matos, A. Campos (1993d), «Tipologia das personagens masculinas». In: Matos, A. Campos (org. e coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed. rev. e aum., Lisboa: Editorial Caminho (pp. 900-901).
- Matos, A. Campos (1993e), «Topsius». In: Matos, A. Campos (org. e coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed. rev. e aum., Lisboa: Editorial Caminho (pp. 902-903).
- Mendes, João (1983), *Literatura Portuguesa IV*, 2ª ed. rev., Lisboa, Editorial Verbo.
- Moura, Helena Cidade (2004), «Nota final». In: Eça de Queiroz, *A Relíquia*, Lisboa: Edição «Livros do Brasil» (pp. 277-280).
- Nascimento, Lyslei de Souza (1997), «A construção da ficção em *A Relíquia*: caricaturas e cenários». In: Elza Miné e Benilde Justo Caniato (Eds.), *150 anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses/Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa / FFLCH / USP (pp. 609-612).
- Queiroz, Eça de (2004), *A Relíquia* (fixação de texto e notas de Helena Cidade Moura), Lisboa: Edição «Livros do Brasil».
- Queiroz, Eça de (2004a), *Os Ingleses no Egipto*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Queiroz, Eça de (s.d.), *O Egipto. Notas de viagem*. Porto: Lello & Irmão.
- Reeves, Nicholas (2000), *Ancient Egypt. The great discoveries, A year-by-year chronicle*. Londres: Thames & Hudson.
- Reis, Carlos (1983), «Quatro cartas inéditas de Eça de Queirós sobre a *Revista Portugal*», *Cadernos de Literatura*, nº 16, Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica (pp. 7-21).
- Reis, Carlos (1984), *Estatuto e perspectivas do narrador na ficção d'Eça de Queirós*. 3ª ed., Coimbra: Livraria Almedina.
- Reis, Carlos (1987), «Estratégia narrativa e representação ideológica n' *A Relíquia*», *Colóquio/Letras*, 100, Dez. 1987 (pp. 51-59).

- Reis, Carlos (1996), «Queirós, José Maria Eça de». In: Álvaro Manuel Machado (Org. e Dir.), *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença (pp. 395-398).
- Remédios, Maria Luiza Ritzel (1997), «A Relíquia: duplicidade do sujeito na ficção queirosiana». In: Elza Miné e Benilde Justo Caniato (Eds.), *150 anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses/Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa / FFLCH / USP (pp. 402-408).
- Rice, E. E. (1983), *The grand procession of Ptolemy Philladelphus*. Oxford: University Press.
- Sales, José das Candeias (1999), *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egipto antigo*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Sales, José das Candeias (2001), «Champollion». In: Luís Manuel de Araújo (Dir.), *Dicionário do antigo Egipto*. Lisboa: Editorial Caminho (pp. 198-199).
- Sales, José das Candeias (2002), «A arqueologia egípcia no séc. XIX: da «caça ao tesouro» à salvaguarda da herança faraónica», *Cadmo. Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa*. n.º 12, Lisboa, Instituto Oriental (pp. 85-112) [Actas do Colóquio Internacional «Orientalismo – Ontem e hoje. Nos 100 anos da morte de Verdi»].
- Sales, José das Candeias (2003), «Alexandrea ad Aegyptum. Protótipo de metrópole universal», *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*, II Série, n.º 5. O Imaginário da cidade, Lisboa: Universidade Aberta (pp. 83-105).
- Sales, José das Candeias (2005), *Ideologia e propaganda no Egipto ptolomaico (305-30 a.C.)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Saraiva, António José/Lopes, Óscar (1989), *História da Literatura Portuguesa*. 15ª ed., Porto: Porto Editora.
- Schulz, Regine (1997), «Cronistas, viajeros y sabios: la imagen de Egipto a lo largo de milenios». In: Regine Schulz, Mathieu Seidel (Eds.), *Egipto. El mundo de los faraones*, Colonia: Könenmann (pp. 491-497).
- Sousa, Américo Guerreiro (1993), «(A) Inglaterra na obra de Eça de Queiroz». In: Matos, A. Campos (org. e coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed. rev. e aum., Lisboa: Editorial Caminho (pp. 527-530).
- Strack, Max Leberecht (1897), *Die Dynastie der Ptolemäer*. Berlin: Hertz.
- Walbank, F. W. (1996), «Two hellenistic processions: a matter of self-definition». In: *Scripta Classica Israelica (SCI). Yearbook of the Israel Society for the promotion of classical studies. Studies in Memory of Abraham Wasserstein. Vol. I.*, Jerusalém, The Hebrew University of Jerusalem (pp. 119-130).
- Walker, Susan/Higgs, Peter (Eds.) (2001), *Cleopatra of Egypt. From history to myth*, Londres: The British Museum Press.
- Wikander, Charlotte (1992), «Pomp and circumstance. The procession of Ptolemaios II». In: *Opuscula Atheniensia XIX*. Estocolmo: Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae (pp. 143-150).